

O PROJETO PARA RECONSTRUIR O PAÍS

Lula e Alckmin lançam as bases de um programa para o governo sair da crise e voltar a criar oportunidades para o povo que tem fome, busca emprego e quer dignidade. "Este país precisa voltar a ser soberano", afirma o ex-presidente, que continua liderando todas as pesquisas

LULA | Alckmin



Foto: Ricardo Stuckert

focus
BRASIL

Fundação Perseu Abramo 27 de Junho de 2022 Nº 64

No entrevistão, Fátima Bezerra fala da saída da crise
Prisão de Milton Ribeiro expõe corrupção no governo
Planalto ameaça a soberania ao investir contra a Petrobrás
Vitória de Petro na Colômbia é mudança na América Latina
Chomsky condena papel da mídia na guerra da Ucrânia



focus
BRASIL

Uma publicação da Fundação Perseu Abramo

Diretor de Comunicação: Alberto Cantalice

Coordenador de Comunicação: David Silva Jr.

Produção: Oficina da Notícia

Editor-Chefe: Olímpio Cruz Neto

Colaboradores: Artur Araújo, Bia Abramo, Danilo

Molina, Isaías Dalle, Nathalie Nascimento,

Pedro Camarão e Ricardo Stuckert



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Aloizio Mercadante

Vice-presidenta: Vivian Farias

Diretoras: Elen Coutinho e Jéssica Italoema

Diretores: Alberto Cantalice, Artur Henrique da Silva

Santos, Carlos Henrique Árabe, Jorge Bittar,

Geraldo Magela e Valter Pomar

CONSELHO CURADOR

Presidenta de honra: Dilma Rousseff

Presidente: Fernando Haddad

Conselheiros: Ana Maria de Carvalho Ademar, Arthur Chioro dos Reis Fontenele, Arlete Sampaio, Azilton Viana,

Camila Vieira dos Santos, Celso Amorim, Dilson Peixoto,

Eleonora Menicucci, Eliane Aquino, Elisa Guaraná de

Castro, Esther Bemerguy de Albuquerque, Everaldo de

Oliveira Andrade, Fernando Pimentel, Fernando Ferro,

Francisco José Pinheiro, Iole Ilíada, José Roberto Paludo,

Lais Abramo, Luiza Borges Dulci, Maria Isolda Dantas de

Moura, Nabil Bonduki, Nilma Lino Gomes,

Paulo Gabriel Soledade Nacif, Penildon Silva Filho,

Sandra Maria Sales Fagundes, Sérgio Nobre,

Teresa Helena Gabrielli Barreto e Vladimir de Paula Brito

SETORIAIS

Coordenadores: Elisângela Araújo (Agrário), Henrique Donin de Freitas Santos (Ciência e Tecnologia e Tecnologia da Informação), Martvs Antonio Alves

das Chagas (Combate ao Racismo), Juscelino França

Lopo (Comunitário), Márcio Tavares dos Santos Chapas

(Cultura), Adriano Diogo (Direitos Humanos), Tatiane

Valente (Economia Solidária), Maria Teresa Leitão de Melo

(Educação), Alex Sandro Gomes (Esporte e Lazer), Janaína

Barbosa de Oliveira (LGBT), Anne Moura (Mulheres),

Nádia Garcia (Juventude) Nilto Ignacio Tatto (Meio

Ambiente e Desenvolvimento), Rubens Linhares

Mendonça Lopes Chapas (Pessoas com Deficiência),

Eliane Aparecida da Cruz (Saúde) e

Paulo Aparecido Silva Cayres (Sindical)

CONTATOS

webmaster@fpabramo.org.br

Endereço: Rua Francisco Cruz, 234 Vila Mariana

São Paulo (SP) - CEP 04117-091

Telefone: (11) 5571-4299 Fax: (11) 5573-3338

NESTA EDIÇÃO

AS BASES DO PROGRAMA 'JUNTOS PELO BRASIL'

Pedro Ladeira/Folha



Lula e Alckmin lançaram as bases do programa de governo e a plataforma online do Juntos Pelo Brasil para incentivar a participação popular na elaboração das diretrizes. Já foram enviadas pelo público mais de 1 mil propostas.

Página 12

EDITORIAL. Um programa de governo a ser fechado com a participação popular

Página 4

ENTREVISTA. Governadora eleita em 2018, Fátima Bezerra disputa reeleição

Página 6

ORÇAMENTO. PT quer fazer agora proposta com participação popular

Página 16

SUGESTÕES. Economistas apoiam Lula e defendem redução da desigualdade

Página 17

CORRUPÇÃO. PF prende ex-ministro da Educação e põe Bolsonaro sob suspeita

Página 18

OPINIÃO. Líder Reginaldo Lopes diz que esquema no governo não é fake news

Página 20

PESQUISA. Pesquisas mostram Lula na liderança da preferência nacional

Página 21

PETROBRÁS. Planalto prepara entrega da estatal aos lobos do mercado

Página 23

CRIME. Bruno enterrado em meio a protestos e suspeita sobre investigação do caso

Página 24

COLÔMBIA. Pela primeira vez, país terá um governo de esquerda com Gustavo Petro

Página 25

EQUADOR. Protestos contra aumento de gasolina assolam o país

Página 26

FRANÇA. As esquerdas unidas ganham mais cadeiras no Parlamento

Página 27

HISTÓRIA. I Parada Gay em 1997 e dinheiro para agricultura familiar com Lula

Páginas 28 e 29

LIVROS. O papel da velha mídia com Paulo Roberto Pires e Rodrigo Vianna

Página 30

PING. Pires: "A mídia normalizou o fascismo absoluto do bolsonarismo"

Página 32

PONG. Vianna: "O país precisa de jornalismo contra ideário rentista"

Página 33

MÚSICA. Chico Buarque lança canção inédita e anuncia volta aos palcos

Página 34



Ricardo Stuckert

VAMOS TODOS JUNTOS RECONSTRUIR O BRASIL

Aloizio Mercadante

Os sete partidos que compõem a coligação “Vamos Juntos pelo Brasil” – PT, PCdoB, PV, PSOL, PSB, Solidariedade e Rede – apresentaram ao povo brasileiro, na última semana, as diretrizes do programa de governo da candidatura Lula-Alckmin. A partir do diálogo e do entendimento, chegamos a uma ampla convergência programática e consolidamos a unidade sobre propostas que conformam as bases para a reconstrução do Brasil.

O documento reafirma valores e compromissos históricos dos nossos partidos, como a defesa da soberania e do patrimônio do povo brasileiro e o profundo respeito à democracia e aos valores civilizatórios expressos na Constituição de 1988. Ao mesmo tempo, dialoga com desafios contemporâneos da humanidade, como a grave crise climática, o compromisso com a sustentabilidade e com a sociedade do conhecimento, a inclusão tecnológica e a transição energética.

Além disso, aponta caminhos estruturantes para superarmos as

crises social e econômica, que assolam o país de forma profunda desde o Golpe de 2016. O Brasil de Bolsonaro retirou o povo do orçamento, deixando como legado mais de 33 milhões de famintos, uma legião de mortos pela pandemia de Covid-19, uma inflação de mais de dois dígitos, que corrói a renda, especialmente dos mais pobres, e uma taxa de juros elevada que acelera a inadimplência que já atinge 66 milhões de brasileiros e brasileiras.

Por isso, nossas diretrizes contemplam, por exemplo, a necessidade da geração de emprego

e de renda a partir da retomada dos investimentos em infraestrutura, da reindustrialização nacional em novas bases tecnológicas e ambientais e do estímulo à economia solidária, à economia criativa e à economia baseada na biodiversidade, além do apoio ao cooperativismo, ao empreendedorismo e às micro e pequenas empresas. Também o resgate da política de valorização do salário-mínimo e de um novo Bolsa Família. Acreditamos que essas alternativas são o caminho para começarmos a resgatar o poder de compra do povo e garantirmos renda compatível com as atuais urgências da população.

O que propomos é um projeto nacional de desenvolvimento justo, solidário, criativo, soberano e sustentável, diferente do modelo neoliberal que levou o país ao atraso e ao caos social em que se encontra. Nossas diretrizes deixam claro que precisamos reconstruir um Estado forte, comprometido com a estabilidade e a sustentabilidade financeira, mas reafirmamos a necessidade de revogarmos o desacreditado teto de gastos que não existe em nenhum país desenvolvido, de avançarmos em uma reforma tributária solidária, justa e sustentável que simplifique tributos, reduza a carga de impostos indiretos e promova a progressividade, e de lançarmos mão de estratégias mais amplas e consistentes de combate à inflação.

Nosso projeto de país soberano passa pela recomposição do papel indutor e coordenador do Estado e das empresas estatais. Ainda, pelo respeito ao novo federalismo, a recuperação de uma política externa ativa e altiva, de retomada do processo de integração latino americana, agora

fortalecido pela vitória arrasadora das forças democráticas e progressistas. Temos compromisso com a defesa intransigente do Estado Democrático de Direito e com a restauração de todas as instâncias de participação social e do avanço em mecanismos de governança democrática e controle social.

O próximo passo é a mobilização e a ampliação da participação

DEFENDEMOS UM PROJETO DE DESENVOLVIMENTO JUSTO, SOLIDÁRIO, CRIATIVO, SOBERANO E SUSTENTÁVEL, DIFERENTE DA AGENDA NEOLIBERAL EM VIGOR

popular na construção do nosso plano de governo. Para isso, lançamos a plataforma "Juntos pelo Brasil", que recebeu mais de 2 mil sugestões no primeiro dia funcionando. Recebemos propostas dos mais diversos temas que refletem desde posicionamentos individuais, até propostas que sempre foram bandeiras dos movimentos populares.

Temas como energia, sustentabilidade, combate à fome, distribuição de renda, controle da

inflação, defesa das empresas estatais, geração de emprego e educação são até agora os mais populares.

Além disso, nas primeiras 24h, a plataforma recebeu mais de 50 mil visitas e foram realizados mais de 5 mil downloads do documento completo de Diretrizes para o Programa de Reconstrução e Transformação do Brasil, o que dá a dimensão do interesse crescente pelas nossas propostas.

A expectativa é que a plataforma amplie o engajamento para que a base social da coligação se aproprie das propostas contempladas no programa de governo e se envolva de fato na construção coletiva do nosso projeto. Em paralelo a isso, serão abertas mesas de diálogo da coordenação nacional do programa com entidades nacionais, para avançar no processo de construção programática.

Não tenho dúvidas que o resultado desse esforço coletivo será um plano de governo moderno que resgate o legado exitoso dos governos do PT e dos partidos aliados, sintético, portador de futuro e inovador. Da mesma forma, estou seguro, como apontam todas as pesquisas eleitorais, que liderados por Lula, apoiados pela nossa militância aguerrida e apaixonada e sustentados por uma ampla base democrática, seremos capazes de conquistar uma extraordinária vitória nas eleições.

Em janeiro, o reencontro de Lula com o povo se dará em uma gigantesca festa popular, com o maior líder político da história do Brasil subindo a rampa do Palácio do Planalto e colocando a faixa presidencial no peito pela terceira vez para deflagrar um amplo movimento pacífico e democrático de reconstrução do Brasil. •

“BOLSONARO NÃO TEM RESPEITO PELA CONSTITUIÇÃO”

À frente do governo do Rio Grande do Norte, que pegou quebrado, a professora e líder sindical diz que o momento é de superação da crise e agora luta pela reeleição com o estado retomando a capacidade de investir. Ela prevê que Lula ganhará o terceiro mandato ainda no primeiro turno e colocará o país de volta no rumo do desenvolvimento com justiça social

Alberto Cantalice e Pedro Camarão

Governadora do Rio Grande do Norte, Fátima Bezerra é uma das líderes que mantêm vivas no Nordeste as ideias de que é possível se viver melhor e com mais dignidade. Em meio ao caos implementado pelo governo Bolsonaro, que fez e faz de tudo para desorganizar as instituições e desassistir quem precisa do Estado, ela conseguiu criar programas e políticas públicas que criam condições para que as pessoas tenham a oportunidade de viver com mais dignidade.

Durante a pandemia, enquanto Bolsonaro deixou o povo à própria sorte, Fátima e outros governadores do Nordeste criaram formas

de tentar enfrentar o problema da fome que voltou a atingir o Brasil com força. Ela conta orgulhosa sobre a realização da 1ª Feira Nordeste da Agricultura Familiar. Iniciativas que vão na contra mão do que prega o governo federal. “Bolsonaro incita o ódio e o desamor”, denuncia.

Ao mesmo tempo, enquanto o presidente da República tenta destruir as universidades federais e os institutos federais de ensino profissionalizante, o estado do Rio Grande do Norte criou o Programa Nova Escola Potiguar, que instala escolas técnicas baseadas nos institutos federais. No estado, cinco estão sendo construídas. Cada uma poderá atender entre 1.200 e 1.500 alunos.

Apesar de Bolsonaro, a gover-

nadora se mostra otimista com o presente e o futuro. Ela espera continuar a governar o estado, mas com Luiz Inácio Lula da Silva na Presidência. O respeito pelo pacto federativo e a parceria com os governadores poderão acelerar o desenvolvimento social e a garantia de direitos, segundo a governadora. A seguir, leia trechos da entrevista à Focus Brasil:

Focus Brasil – A senhora é pedagoga. Como recebe a informação sobre o escândalo no MEC que resultou na prisão do ex-ministro Milton Ribeiro?

Fátima Bezerra – O sentimento, primeiro, é de muita revolta, de muita indignação. Uma pasta como a da Educação que é uma estrutura do Estado brasileiro com



um papel tão estratégico, tão estruturante para um projeto de desenvolvimento nacional e, hoje, literalmente virar caso de polícia, é um horror isso. É um horror. O MEC, no tempo dos governos do PT, foi uma das pastas que promoveu o maior período de inclusão social na história contemporânea do Brasil. Eu me refiro à implementação de políticas públicas de caráter estruturante como o Fundeb. Eu fui, inclusive, a relatora em 2006 na Câmara dos Deputados. O Fundeb foi e continua sendo a mais importante política de financiamento voltada para a educação básica nesse país. O piso salarial nacional do magistério, uma política muito assertiva para promover a valorização dos funcionários da educação, o Prouni que possibilitou a entrada de muitos jovens pobres de periferia, negros, por esse Brasil afora. A expansão das nossas universidades através do Reuni, através das escolas técnicas.

Esse era o MEC dos governos do PT. E mesmo em governos anteriores aos nossos, como por exemplo, no governo FHC, eu tenho que reconhecer que o Fundeb nasceu lá.

E, agora, como se não bastasse o processo de desmonte de todas essas políticas, chegamos ao ponto de cortes orçamentários tão brutais em universidades e escolas técnicas que já começa a faltar dinheiro para o custeio. Tem universidade ameaçada de parar as aulas porque falta dinheiro para pagar a conta de luz. Ou seja, além da descontinuidade, agora o MEC está no centro de escândalos de corrupção. E isso ocorre, justamente, num governo que batia no peito para dizer que não tinha corrupção.

– A senhora pegou um governo praticamente falido. Faltou solidariedade de Bolsonaro com o Rio Grande do Norte? Porque

sabemos que ele não é muito afeito ao pacto federativo.

– Faltou e está faltando. E não é só ao Rio Grande do Norte, é ao Brasil. Bolsonaro não sabe o que é solidariedade, o que é cooperação federativa. Ele não tem o mínimo de respeito. A prova foi o momento mais dramático que o nosso povo tem vivenciado que é o enfrentamento da pandemia. O que a maior autoridade do país fez naquele momento é um caso a ser estudado. Nem diante daquela que está considerada como a maior crise sanitária da história contemporânea do mundo, nem diante de uma realidade tão dramática como essa, ele teve o mínimo de compaixão ou de discernimento, um pouquinho que fosse, para deixar as divergências ideológicas ou partidárias de lado e assumir o papel que cabe ao governo nacional de coordenar as iniciativas para que, junto com estados e municípios, a gen-

te pudesse mitigar os impactos da pandemia. Pelo contrário. Para nossa vergonha e revolta, ele assumiu o papel de negacionista-mor do mundo. O negacionismo com que ele tratou a pandemia custou a vida de muitos brasileiros e brasileiras. Desde a lentidão na aquisição da compra de vacinas, que ele nunca acreditou, tanto que não tomou até hoje. O quanto ele desdenhou das medidas sanitárias necessárias. A postura dele no enfrentamento à pandemia é um verdadeiro horror.

Aquela coisa de dizer que era uma gripezinha, que ele não podia salvar todo mundo... Eu estou dando aqui um exemplo que é para deixar claro o quanto o governo que aí está não tem o mínimo senso de responsabilidade com a federação, com os estados brasileiros. A Constituição para ele não vale nada. Aliás, ele faz ataques sistemáticos à nossa Constituição. O presidente Lula tem toda razão. É uma coisa inimaginável isso. Como alguém quer ser presidente da República e não tem a menor capacidade de fazer um diálogo com os governadores, com os prefeitos e prefeitas? É mais um aspecto que mostra o desastre que é o governo Bolsonaro. E não é um aspecto qualquer. Nós temos que entender que na vida pública o nosso compromisso é com a sociedade, com o povo, tanto com aqueles que votaram na gente e com os que não votaram também. Evidentemente que, do ponto de vista programático, a gente tem as nossas prioridades, como no caso dos governos do PT, é o olhar para as pessoas mais simples que são os que mais precisam do papel do Estado. Governar para todos é algo que não existe na cartilha do Bolsonaro. É um retrocesso imenso. Ele não tem o menor respeito pelo que está na Constituição. O que ele sabe é proteger amigo e perseguir a quem ele acha que são os adversários.

– Qual é a importância para o Brasil que Bolsonaro seja derrotado e, ao mesmo tempo, o que significaria num possível segundo mandato da senhora, ter Lula como presidente? O quanto essa mudança pode acelerar o desenvolvimento?

– Primeiro, a derrota do Bolsonaro é importante porque isso se tornou um imperativo. Aqueles que têm zelo pela democracia, que têm compromisso com a democracia, têm o dever de se unir para interromper esse ciclo de

A DERROTA DO BOLSONARO É IMPORTANTE PORQUE ISSO SE TORNOU UM IMPERATIVO: INTERROMPER ESSE CICLO DE DESGRAÇA E DE DESTRUÇÃO

desgraça, de destruição que tomou conta do Brasil com a chegada do Bolsonaro. Claro que isso já germinava naquele contexto do Golpe de 2016 com o impeachment fraudulento que arrancou o mandato legítimo da presidenta Dilma Rousseff. Mas o processo de destruição mesmo toma fôlego a partir da chegada do Bolsonaro. Aí é a destruição mesmo da democracia. E dentro dessa destruição vêm os ataques aos direitos civilizatórios, humanos, sociais e por aí vai. Eu concordo inteiramente

com o alerta daqueles que dizem que o Brasil não suporta mais quatro anos de Bolsonaro de maneira nenhuma. Porque a democracia não vai suportar, nem a soberania do nosso país. Alguns historiadores dizem que o Brasil avançou 50 anos em cinco com o governo Juscelino [Kubistchek]. No caso de Bolsonaro, está sendo o contrário. A gente está regredindo muitos anos em apenas quatro. Imagina se ele passar mais tempo. Então, a questão é a defesa da democracia.

Por isso, eu quero fazer um parentese para mais uma vez expressar a minha concordância com o movimento que o presidente Lula lidera. Construímos uma frente mais ampla para que a gente possa derrotar Bolsonaro e o bolsonarismo. Esse movimento se mostrou necessário e acertado. A vinda do governador Geraldo Alckmin na condição de vice do Lula trouxe essa simbologia. É aquilo o que o Lula ressalta quando traz Paulo Freire para nossa reflexão. Lá atrás, Paulo Freire dizia que é preciso unir os divergentes para enfrentar os antagônicos. É isso o que nós estamos fazendo nesse momento. A união dos que têm compromisso com a democracia para derrotar o obscurantismo, o conservadorismo, o fascismo que está tomando conta do país através do Bolsonaro.

Com Lula presidente, é evidente que, para o Brasil e para o Rio Grande do Norte, um outro horizonte se abre. Imagine ter a oportunidade, e eu tenho muita confiança, com humildade, mas estou com muita esperança de que o povo do Rio Grande do Norte, no momento oportuno, vai se posicionar e a maioria vai nos dar a oportunidade de passar mais quatro anos à frente do governo do estado, tendo Lula presidente da República. Porque o povo do Rio Grande do Norte já teve a oportunidade de vivenciar o governo Lula, de ver na pele, sentir

dentro da sua casa o quanto a sua vida melhorou quando Lula era presidente deste país. Os benefícios chegaram ao Rio Grande do Norte, inclusive no campo da Educação, onde tive papel protagonista. Não tenho nenhuma dúvida de que a maioria do povo do Rio Grande do Norte, que tem muita sabedoria, muita sensibilidade, sabe que eu governadora com Lula presidente vamos poder fazer muito mais pelo povo deste estado, promovendo direitos, cidadania e dignidade.

– A senhora foi a única governadora eleita em 2018.

São 26 homens e a senhora.

Como a senhora vê o papel de protagonismo que as mulheres devem vir a assumir a partir desse novo processo eleitoral? Lula tem quase o dobro das intenções de voto de Bolsonaro entre as mulheres. Isso seria por conta da sensibilidade das mulheres diante dos problemas que o país enfrenta?

– Eu tenho muita esperança que nós possamos avançar com relação à participação das mulheres na política. As eleições que se avizinham são uma excelente oportunidade. Afinal, teremos eleição para presidente, mas teremos eleição muito importante para os governos estaduais e, não nos esqueçamos, da eleição para o Legislativo, que é fundamental. A gente tem que ter muita sabedoria na hora de escolher em quem a gente vai votar para o Parlamento tanto no nível estadual quanto no nacional.

As mulheres ainda precisam avançar muito nesse terreno. É claro que quando a gente vai olhar a história é óbvio que nós mulheres obtivemos muitas conquistas, fruto de muita luta. Lutas de caráter histórico de muita importância para as gerações passadas e do presente, mas o mundo em que vivemos atualmente

ainda é muito proibido para as mulheres. Proibido no sentido da nossa sub-representação. No Parlamento, entre 513 parlamentares, nós representamos cerca de 15% apenas. Na esfera do Judiciário é muito pequena a representação feminina. Assim como é pequeno o número de prefeitas eleitas e nos Executivos estaduais. Entre 27 governadores, apenas uma mulher. Hoje temos três, mas apenas uma foi de fato eleita como cabeça de chapa. Hoje temos a companheira Regina [de Souza (PT)],

A GENTE TEM QUE TER MUITA SABEDORIA NA HORA DE ESCOLHER EM QUEM A GENTE VAI VOTAR PARA O PARLAMENTO NO NÍVEL ESTADUAL E FEDERAL

no Piauí, e a companheira Izolda [Cela (PDT)], no Ceará.

Isso leva a uma reflexão porque acaba tendo uma coincidência histórica. Eu sou a única governadora e em um estado que tem um pioneirismo nessa questão. Afinal de contas, estamos falando da terra de Nísia Floresta. Há mais de 200 anos, Nísia foi uma mulher com posições muito pioneiras, corajosas, de vanguarda. Naquela época, ela ousou lutar pela igualdade de direitos para as mulheres. E deixou um legado muito importante

que, aliás, precisa ser mais reconhecido, mais visibilizado. Mas estou falando também de Celina Guimarães. Foi do Rio Grande do Norte que saiu o primeiro voto de mulher no Brasil. Também foi aqui que tivemos a primeira mulher da América Latina a ser eleita prefeita, que foi Alzira Soriano. Passados esses anos todos, eu me pergunto: novamente, do Rio Grande do Norte, sai a única mulher eleita governadora nesse país? Fica aí essa reflexão.

Ao mesmo tempo em que eu comemoro de fato, em que me dá um orgulho imenso do meu estado, das mulheres do meu estado, eu sempre chamo essa reflexão porque não acho que seja saudável para a democracia ou desejável esse déficit de participação de mulheres na política. Vou até dizer algo mais preciso, acho que isso não é nem normal para a democracia. E não me venham com aquela de que é falta de capacidade das mulheres. Muito pelo contrário. Pesquisas e estudos mostram que as mulheres desenvolvem uma aptidão até maior para o exercício da política. Agora, precisa ter oportunidade. Não basta a mulher dizer que quer ser candidata. Ela tem que ter meios e ferramentas vivendo nesse contexto em que a gente vive, presas ainda que nós somos a toda essa cultura do machismo, do patriarcado. Isso afeta e muito a condição de vida de nós mulheres. Nós é que sabemos o preço que a gente paga ainda desse machismo estrutural. Mas também quero deixar essa mensagem de esperança porque eu acho que a mulherada está levantando a cabeça.

Estamos vendo aí os ataques históricos de misoginia começando a serem repreendidos, a serem punidos. Estamos começando a ver isso de maneira um pouco mais crescente. É algo que se deve à mobilização das mulheres, dos movimentos sociais, dos mo-

vimentos de mulheres que estão cada vez mais acesos. Acho, inclusive, que a preferência da maioria das mulheres, hoje, pela candidatura do presidente Lula traduz muito isso porque as mulheres estão vendo quanto o governo que aí está é inimigo das mulheres. E não é só porque desmontou o Ministério das Mulheres. Ele cortou as verbas destinadas ao combate à violência, ao feminicídio, mas não é só pelo desmonte, mas porque que o governo dele estimula, incita o ódio, o desamor, a discriminação e o preconceito.

Ao enxergar na candidatura de Lula a perspectiva mais concreta de vitória e, ao mesmo tempo, constatar que foi nos governos do PT que mais a gente avançou do ponto de vista de estruturação do Estado brasileiro em políticas voltadas para promoção, proteção dos direitos das mulheres, isso explica e me dá uma esperança “danada” do porque a maioria da mulherada está com Lula e vai botar o Bolsonaro para correr.

– Voltando ao Legislativo que a senhora já mencionou, Lula tem falado bastante sobre a importância de eleger deputados e senadores que concordem com o programa de governo da chapa. E, por isso, eu gostaria de saber da senhora que ocupou cargos no Legislativo por vários mandatos, qual é a importância dessa eleição para o Legislativo? A senhora acredita que teremos a capacidade de eleger um número maior de parlamentares?

– Eu estou com esperança, sim. Em 2002, aquele momento bem emblemático quando a gente consegue chegar à Presidência do país e naquele momento eu me elejo deputada federal, até então o Rio Grande do Norte não tinha conseguido eleger para a Câmara – e são apenas oito vagas que o RN tem direito – uma representação com perfil e origem social di-

ferente. Até então, os representantes daqui vinham das oligarquias, das famílias tradicionais ou então daqueles que tinham grande poder econômico. Eu quebrei essa barreira, mas isso só ocorreu em 2002. Estou dizendo isso porque foi exatamente naquele ano que a esquerda elegeu uma representação para o Legislativo de maneira mais representativa, mais intensa. Foi a maior bancada do PT até então. E isso ocorreu juntamente com outros partidos do campo democrático. Mas com o passar

O GOVERNO QUE AÍ ESTÁ É INIMIGO DAS MULHERES. BOLSONARO CORTOU VERBAS DESTINADAS AO COMBATE À VIOLÊNCIA, AO FEMINICÍDIO

do tempo, infelizmente, houve involução e nessas duas últimas eleições as involuções foram até maiores.

Pelo que eu estou acompanhando, inclusive, a partir do meu estado, acredito que a nossa federação tenha condições aqui de fazer três vagas. Eu acho que tenderemos a avançar no campo da representação do Legislativo, com mais qualidade, mais pluralidade... Outra coisa que estou vendo é, por exemplo, a presença da comunidade afrodescendente.

Você vê hoje esse movimento da Coalizão Negra por Direitos pelo país afora. Está presente em quase todos os estados da federação e aqui nós também temos. Temos candidaturas oriundas do movimento negro e com chances de chegar lá. Eu vejo também a questão da pauta LGBTQIA+ com muitas candidaturas. O próprio Lula tem feito um chamamento sobre a importância da gente ter bastante critério, sabedoria na hora de fazer a escolha para o Parlamento. Além do mais, diante da tarefa que vai estar colocada no nível nacional de reconstrução desse país. Eu não estou pessimista. Acho que a mulherada está à frente disso tudo aí. Estou com esperança de que a gente vai ter um resultado bom. Vamos evoluir.

– A senhora mencionou o projeto do Lula que sempre diz que é candidato de um movimento e não apenas de um partido. E fez a mesma coisa no Rio Grande Norte. A aliança que está construindo é muito mais ampla do que na sua primeira eleição para governadora.

– É fato que a gente aqui, conectados com o projeto no nível nacional, fizemos esse movimento mais amplo que, a exemplo do plano nacional, se fazia necessário. Mas ele se faz necessário a partir, primeiro, da compreensão que eu e o meu partido devemos ter de que não dá para brincar com a conjuntura nacional. Não dá. Eu costumo dizer que essa eleição de 2022 é tão emblemática para a nossa geração – eu já estou acima dos 60 anos, com muita alegria e quero viver muitos anos ainda, se Deus quiser. Assim como Lula, estou com muito tesão – que a depender do resultado que nós venhamos a ter, essa pode ser, sem dúvida, a última eleição do período democrático para nós. Eu não tenho nenhuma dúvida disso. Bolsonaro não esconde isso. Pelo

contrário. Ele já deu demonstrações cotidianas da vocação que ele tem para a ditadura, para o autoritarismo. Não dá para brincar com isso. Nossa geração não tem o direito de se omitir. Foi a partir dessa compreensão, do que significa a democracia para a vida do povo, e a vida do povo mais sofrido porque afinal de contas é por ele e com ele, principalmente, que nós estamos nessa luta. É para isso, exatamente, que o PT nasceu, para olhar principalmente para os oprimidos, para os mais sofridos, para os que mais precisam... É nesse contexto que eu não tive dúvida em me associar ao movimento que o presidente Lula fez de convidar o Alckmin.

Quero aqui dizer de público, mais uma vez, a admiração pelo Lula porque como ele consegue ter um coração tão grande? Um homem que já passou pelo que passou na vida, inclusive, recentemente, passar mais de 500 dias na prisão de uma forma tão injusta, aquela perseguição toda que ele sofreu e esse homem, de repente, não guardar rancor, não guardar raiva dentro do seu coração. É porque o amor que ele tem pelo povo brasileiro fala mais alto. Isso é muito bonito. Isso é de uma grandeza humana imensa. Eu fiz essa preleção para dizer que o movimento aqui, primeiro, se insere dentro dessa lógica. Por exemplo, trazer o MDB aqui no Rio Grande do Norte, ao mesmo tempo fortalecer o movimento do MDB em todo o Nordeste já apoiando o Lula no primeiro turno. Tem esse sentido. Depois, trouxemos o PDT para a vaga ao Senado. Isso dentro de um movimento para a gente ter uma conjuntura no nível estadual mais favorável para também não por em risco o projeto no nível estadual. Depois de pegar o Rio Grande do Norte como a gente pegou, destruído, colapsado... Só eu sei o que enfrentei ao longo desses quatro anos. Em 2019,

sequer existia calendário de pagamento. Ainda tinha 13º de 2017 que não tinha sido pago. As políticas sociais colapsadas, o caos na segurança pública, o colapso na saúde... Enfim, o descontrole generalizado e ainda por cima com uma conjuntura no nível nacional como essa, um governo perseguidor, inimigo dos estados como é o governo de Bolsonaro.

Não foi fácil, não foi simples. Mas nós fomos à luta. Com uma equipe boa, uma equipe competente, preparada, a gente arrumou

ESTAMOS RECUPERANDO A CAPACIDADE DE INVESTIMENTO, PROJETANDO O ESTADO NO RUMO DO DESENVOLVIMENTO, PARA UM FUTURO QUE JÁ COMEÇOU

a casa. Estamos recuperando a capacidade de investimento, projetando o Rio Grande do Norte para um projeto de desenvolvimento para um futuro que já começou. Você imagine com Lula presidente... É essa equação que eu quero fechar e assim que eu... Me permitam dizer aqui sem nenhum arroubo, sem nenhuma arrogância, mas meu contato com a população que sempre foi muito permanente, eu nunca fui uma política de gabinete, gosto mais da atividade presencial e eu nun-

ca mudei. Sou professora e nunca me esqueci das minhas origens de menina pobre, migrante, que saiu da Paraíba para o Rio Grande do Norte, sobrevivente da seca, que passou por muitas dificuldades na vida... Estou na atividade política, estou no PT por acreditar que esse é um caminho para a gente realizar os sonhos das pessoas por uma vida com dignidade, com direito, com cidadania. E é nesse convívio diário direto com a população que vou confessar uma coisa aqui para vocês: percebo demais o desejo da maioria da população aqui de eleger Lula. Não tem para ninguém. E o Datafolha acaba de divulgar uma pesquisa mostrando que o Lula tem possibilidade concreta de ganhar no primeiro turno. Isso é história, é o reconhecimento da maioria do povo pela trajetória de um homem que soube, melhor do que ninguém, ser fiel ao povo e compreender a alma do brasileiro.

Ao mesmo tempo em que a maioria da população deseja de forma muito intensa ver Lula novamente na Presidência, e eu sinto isso quanto mais se aproximam as eleições, mais as pessoas se aproximam de mim e o fazem como se estivessem se aproximando do Lula. É natural que aqui no Rio Grande do Norte as pessoas vejam em mim aquela pessoa mais parecida com o Lula, até pelas afinidades que a gente tem. Não só partidárias ou do movimento social, sindical ou do movimento político. Mas afinidade de vida, as origens de vida da gente são muito parecidas e eles sabem do imenso carinho que o presidente Lula tem por mim assim como eu tenho por ele. Então, as pessoas se aproximam muito de mim e querem me dar um abraço como se estivessem dando um abraço no Lula. E ao mesmo tempo, expressando que em o Brasil tendo Lula como presidente, o melhor para o Rio Grande do Norte é ter Fátima como governadora, de novo. •



COMPROMISSO COM O POVO Apresentação das diretrizes para o programa de governo contou com a participação de Luiz Inácio Lula da Silva, candidato a presidente, e do candidato a vice, o ex-governador Geraldo Alckmin

PARA RECONSTRUIR O BRASIL

Lula e Alckmin lançam programa de governo defendendo geração de emprego, retomada do crescimento e respeito ao meio ambiente. Diretrizes receberão ainda propostas da sociedade civil. "Vamos construir a casa ouvindo as pessoas", diz ex-presidente

O movimento da campanha Juntos pelo Brasil, que tem a candidatura do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o ex-governador Geraldo Alckmin ao governo federal, lançou na última terça-feira, 20, as diretrizes para o Programa de Reconstrução do Brasil. A iniciativa ainda contém uma plataforma online que vai incorporar propostas da sociedade civil e de anônimos: programajuntospelo-brasil.com.br.

“Vamos ter que construir a casa ao longo do tempo, ouvindo as pessoas através da plataforma, mas, principalmente, executando as políticas que quisermos, se ganharmos as eleições”, disse Lula, na apresentação das diretrizes, apoiadas pelos sete partidos que incluem o movimento – PT, PSB, PCdoB, PV, Rede, Psol e Solidariedade.

“Vamos ter que ter os tijolos dessa parede que significam acabar com a fome outra vez nesse país. Vamos ter que ter os tijolos que significam aumentar o salário mínimo, e vamos construindo, tijolo por tijolo, até chegar na cobertura da casa que é o material da soberania”, apontou Lula.

O programa de governo destaca a urgência do combate à fome e à pobreza, a retomada do investimento para gerar crescimento e emprego, o combate à inflação e a redução do custo de vida. As diretrizes incluem ainda a defesa da Amazônia, o respeito às leis ambientais e a proteção dos povos indígenas. Além desses pontos, os sete partidos aliados fazem a defesa da democracia, da justiça, da paz, da soberania e da reinserção do Brasil no mundo.

“Nós não vamos ter problema de executar nosso programa. A gente não vai ter tempo de ficar filosofando. Por isso que eu digo

que em nosso primeiro mês de governo, nós vamos ter de reconstruir nosso pacto federativo”, disse Lula. “Eu quero juntar os 27 governadores, quero saber o que eles têm de projeto de infraestrutura, sobretudo na questão da saúde e da educação, para que a gente não perca tempo. Dinheiro a gente vai arrumar”, completou. “Tudo o que está aqui pode ser cumprido”.

As diretrizes do governo apresentam forte contraste com a atu-

LULA: “EM NOSSO PRIMEIRO MÊS DE GOVERNO, VAMOS TER DE RECONSTRUIR NOSSO PACTO FEDERATIVO. DINHEIRO A GENTE VAI ARRUMAR”

al condução política e econômica do país levadas a cabo pelo presidente Jair Bolsonaro, que aumentou a desigualdade, trouxe de volta a fome e gerou pelo menos 13 milhões de desempregados.

Lula destacou que o país está mergulhado numa crise social sem precedentes e que já levou à perda da renda da maioria da população. A renda média do brasileiro, incluindo trabalhadores informais e desempregados, caiu nos últimos anos e está 9,4%

abaixo do nível do final de 2019, primeiro ano de Bolsonaro.

Na opinião de Alckmin, as diretrizes não trazem promessas, mas compromissos. “Relendo o programa, reparei que algumas palavras se repetem. A primeira é reconstrução, que é o mais necessário”, observou. “Nós tivemos um verdadeiro desmanche do Estado, em todas as áreas, um processo de quase destruição”.

O ex-governador comentou que outra palavra que se repete ao longo do documento é esperança. “Há uma grande esperança com esta caminhada cívica. A outra é compromisso. Não tem promessa, mas tem compromisso. E o primeiro compromisso, que o presidente Lula tem destacado, é com quem mais necessita”, disse Alckmin. “Com quem perdeu o emprego, com quem passa fome, com quem foi levado de volta para a miséria”.

As 121 diretrizes foram elaboradas pela Fundação Perseu Abramo e discutidas ao longo das últimas semanas por uma comissão composta por representantes dos sete partidos, e simbolizam uma união inédita entre as legendas do campo progressista brasileiro, com o intuito de recuperar o Brasil da destruição causada pelo governo Bolsonaro.

“Este documento não é o ponto de chegada. É um convite a todos aqueles que querem participar, debater e ajudar a reconstruir este país. O que as diretrizes programáticas asseguram? Os princípios fundamentais, as ideias-forças que permitiram esse pacto histórico destes sete partidos”, explicou Aloizio Mercadante, presidente da Fundação Perseu Abramo e coordenador do programa de governo. “Esse pacto se deve em primeiro lugar ao reconhecimento dessa tragédia histórica, por esse desmonte que



ALIANÇA PROGRAMÁTICA Os sete partidos que apoiam Lula e Alckmin chegaram a um consenso para definir as diretrizes do programa de governo e elogiaram a iniciativa de abrir a proposta à participação popular e de cidadãos

nós estamos assistindo, mas também pela liderança inigualável do presidente Lula”.

Para o desenvolvimento econômico e a retomada das atividades produtivas, o programa prevê a reindustrialização do país, com foco nas tecnologias contemporâneas – a chamada indústria 4.0. Também aposta como prioridades investimentos em pesquisa científica e em inovação tecnológica. O programa ainda define o foco no cooperativismo e na economia criativa como vetores de desenvolvimento e geração de emprego e renda.

O enfrentamento dos déficits em infraestrutura, como moradia e urbanização, sob articulação do poder estatal, será outra frente de desenvolvimento e simultaneamente de combate à desigualdade social. Investimentos diretos nas áreas sociais, como no projeto do chamado complexo industrial da saúde – produção de insumos, medicamentos, equipamentos e tecnologias – compõem a articulação entre atividade produtiva e combate às desigualdades.

Essa articulação passa também pelos investimentos em políticas integradas de combate à miséria, que serão impulsionadas pelo incentivo à agricultura familiar e à recomposição da estrutura pública de atendimento à população,

entre outras medidas apontadas.

Para a presidenta do PT, Gleisi Hoffmann, a adoção de uma plataforma aberta para colher contribuições ao programa de governo vai gerar uma grande mobilização e interação. “E é assim que se faz um país”, destacou. “A primeira coisa que a gente tem que fazer é combater a fome e a miséria”.

A questão ambiental deverá ser transversal a todas as iniciativas nas áreas produtivas industrial e agrícola e em projetos de infraestrutura. A proteção ao patrimônio natural, incluindo reservas, ocupa vários pontos do projeto, que garante, entre outras coisas, zerar a taxa líquida de desmatamento, ou seja, recomposição das áreas degradadas e reflorestamento dos biomas.

Na proteção ao trabalho, as diretrizes do programa apontam para a retomada da política de valorização do salário mínimo, na recomposição da previdência pública e na retomada do processo de mediação de sindicatos nas negociações trabalhistas.

**ALCKMIN:
“HÁ GRANDE
ESPERANÇA COM A
CAMINHADA CÍVICA
PARA RECONSTRUIR
O PAÍS. E LULA TEM
COMPROMISSO
COM QUEM MAIS
NECESSITA”**

Na área de segurança pública, o programa defende a substituição da guerra às drogas que penaliza e encarcera a população por projetos de atendimento aos dependentes e estratégia de inteligência investigativa que mire os grandes traficantes.

Análises ao longo das últimas semanas, divulgadas pela imprensa, apontavam para o risco de suavização do plano de governo. No entanto, na opinião do presidente do Psol, Juliano Medeiros, as diretrizes são uma base programática para uma saída pela esquerda para o Brasil". Para Medeiros, o documento traz medidas corajosas, adotadas "explicitamente", como o fim do teto de gastos, a construção de uma nova legislação trabalhista que desfaça a reforma feita por Michel Temer e a abolição da política de paridade internacional para os combustíveis.

"O resultado aponta um sentido claro: interromper o ciclo de destruição de direitos iniciado em 2016 e alicerçado em um arcabouço ilegal", completou o presidente do Psol.

O presidente do Solidariedade, Paulo Pereira da Silva, o Paulinho da Força, disse que o programa tem itens importantes para retomar o desenvolvimento, especialmente no combate ao desemprego. "A falta de renda é um dos principais problemas do Brasil. A reforma sindical, a revogação de partes da reforma trabalhista, a recuperação do salário mínimo, a discussão de uma recuperação do salário dos aposentados, e do trabalho por aplicativos nos agrada muito. Nossa esperança é de que seja um programa de melhorias para o povo brasileiro", destacou.

Vice-governadora de Pernambuco e presidenta Nacio-

PENNA, DO PV: "A SOCIEDADE BRASILEIRA VAI SABER, COM ESSAS DIRETRIZES, QUE PODERÁ PARTICIPAR DE UMA MANEIRA COLABORATIVA, COM SUAS IDEIAS"

nal do PC do B, Luciana Santos reforçou que a reconstrução do Brasil precisa ser um esforço coletivo, com participação não apenas dos partidos, mas de toda a sociedade brasileira. "É um feito chegarmos a esse conteúdo em convergência, fruto do diagnóstico de uma realidade de retrocesso", disse. "Temos um dos planos mais ousados de integração latino-americana,

para aproveitar os ventos que sopram a nosso favor no continente", destacou ela, lembrando a vitória de Gustavo Petro na eleição da Colômbia.

O presidente Nacional do Partido Verde (PV), José Luiz Penna, falou da satisfação de estar na luta para recuperar a civilidade no país. "Agora temos a visão de que há uma reação e consistência que produzirá a vitória da civilidade diante do escândalo. A sociedade brasileira vai saber, com essas diretrizes, que poderá participar de uma maneira colaborativa, com suas ideias", destacou.

Falando em nome da Rede Sustentabilidade, o senador Randolfe Rodrigues (AP) destacou a importância de recuperar o que foi construído nos últimos 30 anos e está sob ameaça pela atuação do governo. "O Brasil perdeu a referência global e no continente para se tornar um pária. E a Amazônia está sob a maior ameaça de sua história. A região foi entregue ao crime, ao narcotráfico, ao garimpo ilegal, desmatamento, pesca e caça ilegais. Precisamos melhorar a economia e fazer o resgate da Amazônia com desenvolvimento", destacou o parlamentar. •

AS DIRETRIZES DO PROGRAMA DE GOVERNO

- Urgência no combate à fome e à pobreza.
- Retomada do investimento, público e privado, para alavancar crescimento e gerar emprego com Estado forte, fim do teto de gastos e retomada do investimento.
- Combate à inflação e redução do custo de vida, com fortalecimento da Petrobras, retomada das políticas de incentivo à agricultura e estímulos reguladores, para reduzir o preço dos alimentos e colocar comida nos pratos dos brasileiros.
- Defesa da Amazônia, combate ao desmatamento, respeito às leis ambientais e proteção dos povos indígenas, aliado ao enfrentamento das mudanças climáticas.
- Democracia, justiça, paz, soberania e reinserção do Brasil no mundo.



Ricardo Stuckert

PROPOSTA DE ORÇAMENTO PARTICIPATIVO FEDERAL

Além de propostas já aguardadas para geração de emprego, renda, proteção ao meio ambiente, aos direitos humanos, destacadamente dos setores mais vulneráveis à violência, desigualdade e discriminação, e para a promoção de políticas públicas em áreas essenciais como saúde e educação, as diretrizes lançadas trazem um debate sobre novas formas de elaborar e executar o orçamento público da União.

“Construiremos novas instâncias de participação social direta, inclusive na elaboração do orçamento federal, incorporando os recursos digitais para democratizar o acesso à informação”, diz um trecho do documento, divulgado na semana que passou, em evento ocorrido em São Paulo.

Em entrevista coletiva após o lançamento das diretrizes, o presidente da Fundação Perseu Abramo, Aloizio Mercadante, discorreu sobre a proposta. “Não se pode pulverizar o orçamento em função

de interesses de um ou outro deputado, um ou outro grupo político. A participação da sociedade organizada pode apontar prioridades e ajudar na supervisão dos gastos”, disse.

A primeira experiência de orçamento participativo em governos petistas se deu no final dos anos 1980, na prefeitura de Porto Alegre. A iniciativa se estendeu a outras regiões em anos seguintes, mas nunca no plano federal.

Tendo como parâmetro as ocasiões em que foi colocada em prática, a participação popular não define todo o planejamento orçamentário, mas incide principalmente sobre as despesas sociais. Os segmentos podem se organizar coletivamente para apresentar propostas, submetidas ao Legislativo e executadas pelo governo.

As diretrizes do programa apostam na ampliação da participação social direta em outras instâncias de poder. A proposta defende o retorno dos conselhos e outros canais de participação extintos pelo

governo Jair Bolsonaro. A proposta aponta uma reforma política, “que amplie instrumentos da democracia participativa”.

Essa participação poderá gerar maior controle, inclusive sobre a corrupção e desvios, na avaliação de Mercadante. “Em parceria com órgãos externos, poderemos ter controle a priori e colaborativo, com a ajuda dos meios digitais integrados”, aponta.

“Nós estamos dando a demonstração de que nós não temos medo”, disse Lula, na apresentação das diretrizes do programa de governo, aproveitando para mostrar as diferenças em relação a Bolsonaro.

“Eles têm que se preparar porque, no orçamento da União, nós vamos reproduzir a plataforma para construir o orçamento nacional. Nós já tivemos sucesso extraordinário nas prefeituras (com o orçamento participativo). Não dá para a gente recuperar este país com orçamento secreto. Não dá, efetivamente não dá”, disse. •



Lula Marques

COMBATE À DESIGUALDADE Coordenador do Movimento dos Economistas pela Democracia, Adroaldo Quintella, entregou manifesto a Gleisi Hoffmann

ECONOMISTAS ANUNCIAM APOIO A LULA

Gleisi recebe Manifesto dos Economistas pela Democracia, com sugestões ao programa de governo de Lula-Alckmin e caminhos para a recuperação

Economistas entregaram na quinta-feira, 23, à presidenta nacional do PT, deputada Gleisi Hoffmann (PR), um documento com sugestões a serem incorporadas ao programa de governo da chapa Lula-Alckmin. Durante o ato de lançamento do Manifesto dos Economistas pela Democracia e Contra a Barbárie, representantes do movimento e de órgãos de classe, como o Conselho Federal de Economia, além de dirigentes de partidos políticos que integram o movimento Juntos Pelo Brasil, destacaram que o documento aponta caminhos para a recuperação social e econômica do país.

O manifesto observa que a política econômica do governo Bolsonaro aprofundou a regressão da estrutura produtiva do país, agravando a crise social que afeta milhões de brasileiros, principalmente após o Golpe de 2016. Além das críticas, o manifesto propõe soluções para a retomada do desenvolvimento, além das reduções das desigualdades sociais e econômicas.

Entre as medidas sugeridas pelos economistas pela democracia estão a extinção do teto de gastos, a criação de um novo arcabouço legal que permita ao Estado induzir o crescimento econômico e, ao mesmo tempo, promover políticas públicas que reduzam as desigualdades sociais e regionais, com foco nos setores mais vulneráveis da sociedade.

Ao receber o manifesto das mãos do coordenador do Movimento dos Economistas pela Democracia e contra a Barbárie, Adroaldo Quintella, Gleisi ressaltou que as ideias apresentadas no documento são semelhantes às diretrizes do programa de governo da chapa Lula/Alckmin. "Estamos na mesma linha, e na mesma direção", apontou.

A parlamentar disse ainda que, além de recuperar a capacidade do Estado de induzir o desenvolvimento da economia, a primeira tarefa de um futuro governo Lula será reduzir a fome e a miséria que explodiram no país durante o governo Bolsonaro, além de estimular a geração de

empregos. "A nossa tarefa emergencial será combater a fome e a miséria. Um país com a riqueza do Brasil e com sua enorme produção rural não pode ter 33 milhões de pessoas passando fome", denuncia. "Isso é uma tragédia para o país e até mesmo para o nosso mercado interno. Precisaremos ainda de um programa de investimentos, porque precisamos de um Estado forte e robusto para gerar empregos e para isso o teto de gastos precisa acabar".

Na mesma linha que a presidenta do PT, o representante do Conselho Federal de Economia Julio Miragaya também destacou que o combate à desigualdade social terá papel importante na recuperação. "É a questão central. Este documento exprimiu isso em cada um dos 29 pontos em que trata da construção de uma sociedade mais justa, igualitária e democrática", disse.

"Para isso precisaremos retomar o papel do Estado como indutor do desenvolvimento, reformulando o nosso sistema tributário, tornando-o mais progressivo, valorizando o salário mínimo e combatendo as novas formas de exploração do capitalismo selvagem, com a pejo-tização e os aplicativos, e recuperando o Estado de Bem-Estar Social", defendeu.

Também discursaram durante o ato de entrega do Manifesto da Associação Brasileira de Economistas pela Democracia (ABED), as economistas Julia Rodrigues, Ludmila Azevedo e Luise Villasres – representante da entidade no Distrito Federal; o dirigente Jacy Afonso, presidente do PT-DF; Tetê Monteiro, dirigente do PSOL; e representantes do Sindicato Nacional dos Auditores e Técnicos Federais de Finanças e Controle (Unacom) e da Associação Brasileira de Juristas Pela Democracia (ABJD). •

CORRUPÇÃO



LEMBRA DO ESQUEMA NO MEC? BOLSONARO ESTÁ SOB SUSPEITA

Áudio do ex-ministro Milton Ribeiro, preso por determinação da Justiça Federal e solto depois por decisão do STJ, aponta indício de interferência do presidente da República. A suspeita é do MPF

A casa caiu no Ministério da Educação. As suspeitas do envolvimento do ex-ministro Milton Ribeiro em esquema de corrupção no MEC, envolvendo ainda dois pastores evangélicos próximos do presidente Jair Bolsonaro, levaram a Polícia Federal a decretar a prisão do ex-colaborado do governo, de um ex-assessor da pasta e dos pastores.

O escândalo que originou a Operação Acesso Pago, da Polícia Federal, e levou Milton Ribeiro e outros quatro lobistas à prisão, acusados de atuar como atravessadores de recursos públicos in-

clui tráfico de influência, pedidos de propina a prefeitos em troca de liberação de recursos do FNDE.

Além disso, o caso atinge pessoalmente Bolsonaro, que chegou a impor sigilo de 100 anos às visitas dos pastores lobistas Gilmar Santos e Arílton Moura ao Palácio do Planalto. Após pressão de aliados e por temer uma determinação judicial desfavorável, o governo informou que os lobistas estiveram 46 vezes no gabinete presidencial.

Ribeiro foi preso na quarta-feira, 22, por decisão da Justiça Federal, mas acabou solto no dia seguinte por decisão do juiz Ney Bello, do Tribunal Regional Fede-

ral (TRF1). O que já era ruim para o governo virou uma bomba na sexta-feira, 24. A suspeita agora paira sobre a cabeça do próprio presidente da República.

O Ministério Público Federal afirma haver suspeitas de interferência de Bolsonaro nas investigações referentes ao ex-ministro na operação da PF. É o que diz uma o procurador Anselmo Henrique Cordeiro Lopes, que pede o envio de parte das investigações ao Supremo Tribunal Federal.

Em grampo interceptado pela PF, Milton Ribeiro diz à filha que recebeu ligação de Bolsonaro: "Ele acha que vão fazer uma busca e apreensão em casa". A conver-

sa foi captada no dia 9 de junho. “Hoje o presidente me ligou... Ele tá com um pressentimento novamente, que eles podem querer atingi-lo através de mim, sabe?”, conta. A filha de Milton Ribeiro, identificada pela PF como Juliana Pinheiro Ribeiro de Azevedo, chega a perguntar se Bolsonaro pediu ao pai para parar de mandar mensagens. “Eu não sei se ele (Bolsonaro) tem alguma informação. Eu estou ligando do meu celular normal, viu pai?”, diz.

Segundo o procurador, o áudio de Milton Ribeiro coloca Bolsonaro sob a suspeita de estar interferindo no caso. “O MPF vem requerer que o auto circunstanciado nº 2/2022, bem como o arquivo de áudio do investigado Milton Ribeiro que aponta indício de vazamento da operação policial e possível interferência ilícita por parte do presidente da República Jair Messias Bolsonaro nas investigações, sejam desentranhados dos autos e remetidos, de maneira apartada e sigilosa, ao Supremo Tribunal Federal”, diz o documento.

Lopes reitera para que fique registrado que há indícios de interferência na atividade investigatória da Polícia Federal após a prisão de Ribeiro: “Quando do tratamento possivelmente privilegiado que recebeu o investigado Milton Ribeiro, o qual não foi conduzido ao Distrito Federal (não havendo sido tampouco levado a qualquer unidade penitenciária) para que pudesse ser pessoalmente interrogado pela autoridade policial que preside o inquérito policial, apesar da farta estrutura disponível à Polícia Federal para a locomoção de presos”.

Em resposta a Lopes, o juiz federal Renato Coelho Borelli, que determinou a prisão do ex-ministro, enviou a investigação ao STF e cita áudios em que Milton Ribeiro supostamente indicaria uma interferência de uma autoridade

com foro no STF, como o presidente da República.

Em Brasília, o caso ameaça colocar o governo de novo no olho do furacão. No Senado Federal, a oposição já conseguiu as assinaturas necessárias para a instalação de uma CPI. O pedido, assinado por toda a bancada do PT no Senado, pode chegar a 30 assinaturas, três a mais que o mínimo necessário. O objetivo é investigar o elo entre os escândalos protagonizados pelo ex-ministro

**MILTON: “HOJE
O PRESIDENTE
ME LIGOU... ELE
TÁ COM UM
PRESSENTIMENTO
NOVAMENTE,
QUE ELES PODEM
QUERER ATINGI-LO
ATRAVÉS DE MIM”**

e o alto escalão do governo, incluindo Bolsonaro.

A instalação de uma CPI para investigar os escândalos de corrupção no Ministério da Educação deve ser confirmada apenas na próxima semana, mas de uma coisa já se tem certeza. O governo instalou um esquema de tráfico de influência, desvio de verbas, acerto de propinas e favorecimento a aliados políticos.

O senador Humberto Costa (PT-PE) lamentou que o MEC tenha se tornado um balcão de negócios na mão de bolsonaristas.

“O MEC, que foi responsável por programas inclusivos como Fies sem fiador, Ciência sem Fronteiras e tantos mais, transformou-se agora no palco de um dos maiores escândalos da República, usando recursos que têm um papel nobre, que é o de desenvolver a educação”, afirmou.

Para ele, a prisão do ex-ministro Milton Ribeiro e mais quatro lobistas que, sem ocupar cargos no governo, operavam um “gabinete paralelo” para dar vida ao esquema corrupto dentro dos gabinetes do alto escalão – inclusive o dw Bolsonaro –, reforça a obrigação do Congresso Nacional de fazer essa investigação.

“É provável que já existam muitos avanços na apuração? Sim. Mas a CPI cumpre o papel de estabelecer os elos políticos dessa relação. O próprio ex-ministro disse [em áudio de reunião publicado em fevereiro] que tudo o que ele realizava era a pedido de Bolsonaro e que inclusive a atuação desses lobistas teria sido uma recomendação do presidente da República”, destacou.

Na época das denúncias, Bolsonaro foi a público dizer que colocava “a cara no fogo” pelo então ministro, que só deixou o governo algum tempo depois, quando até apoiadores do governo pressionaram pela sua saída. Mesmo assim, a exoneração do cargo ocorreu a pedido do ministro. Ou seja, Milton Ribeiro jamais foi demitido.

O requerimento para a CPI já tem as 27 assinaturas necessárias para ser lido em plenário, de acordo com o autor do pedido, senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP). Para garantir uma margem maior ao pedido, Randolfe informou que irá aguardar a assinatura de mais três senadores que já se disseram propensos a apoiar, chegando assim a 30 nomes. A expectativa é de que o requerimento seja apresentado nesta terça-feira, 28. •

BOLSONARO E A MARCA DA CORRUPÇÃO: NÃO É FAKE NEWS

Governo Bolsonaro ganha agora uma estrela para a corrupção: o ex-ministro da Educação Milton Ribeiro. Mas outros ministros também estão sob suspeita e os casos na família presidencial continuam à espreita

Reginaldo Lopes

O desgoverno de Jair Bolsonaro já está registrado na história com a marca da corrupção. Na última semana, foi a vez de o ex-ministro da Educação Milton Ribeiro e seus pastores amigos serem presos pela Polícia Federal. Todos acusados de negociatas no Ministério da Educação, que envolveram propinas a Ribeiro, aos pastores, inclusive com barras de ouro entre as 'moedas' de troca nas falcatruas.

Mas as denúncias de corrupção e as mentiras patrocinadas por Bolsonaro e o Gabinete do Ódio não têm fim. Toda semana tem corrupção pululando no Executivo. E mais as fake news bradadas pelo chefe do Executivo, que usa as redes sociais para tentar enganar o povo brasileiro.

Bolsonaro mente quando fala sobre os sucessivos aumentos nos preços dos combustíveis. O governo quer privatizar a Petrobrás. No entanto, abarota as contas dos acionistas da empresa com ganhos bilionários na bolsa de valores. Gasoli-



na, gás e diesel caros são por culpa do Bolsonaro, que dolariza o preço dos insumos no país. Até CPI da Petrobras querem criar, como cortina de fumaça com intuito de encobrir a incompetência.

Uma das mentiras mais contadas por Bolsonaro é que o "governo está há três anos e meio sem corrupção". Qualquer averiguação demonstra o contrário. É só lembrar que o presidente capitão é chamado de 'Rei da Rachadinha'. Quando deputados, Bolsonaro e seus filhos embolsavam parte do salário de seus assessores.

Mas a mamata está no DNA de Bolsonaro. Conforme auditoria recente do TCU, os gastos com o cartão corporativo da Presidência da República chegaram a R\$ 21 milhões nos últimos dois anos. Contudo, ele insiste que é um "homem do povo", mas torra dinheiro público em motociatas, férias, além de outras farras às custas da fome do povo.

E a família gosta mesmo é de mamata. Em 2021, Flávio Bolsonaro adquiriu uma mansão de R\$ 6 milhões em Brasília numa negociata nebulosa. No mesmo ano, descobriu-se que

Jair Renan e a mãe, Ana Cristina Valle, ex-mulher de Bolsonaro, se mudaram para uma mansão de R\$ 3,2 milhões.

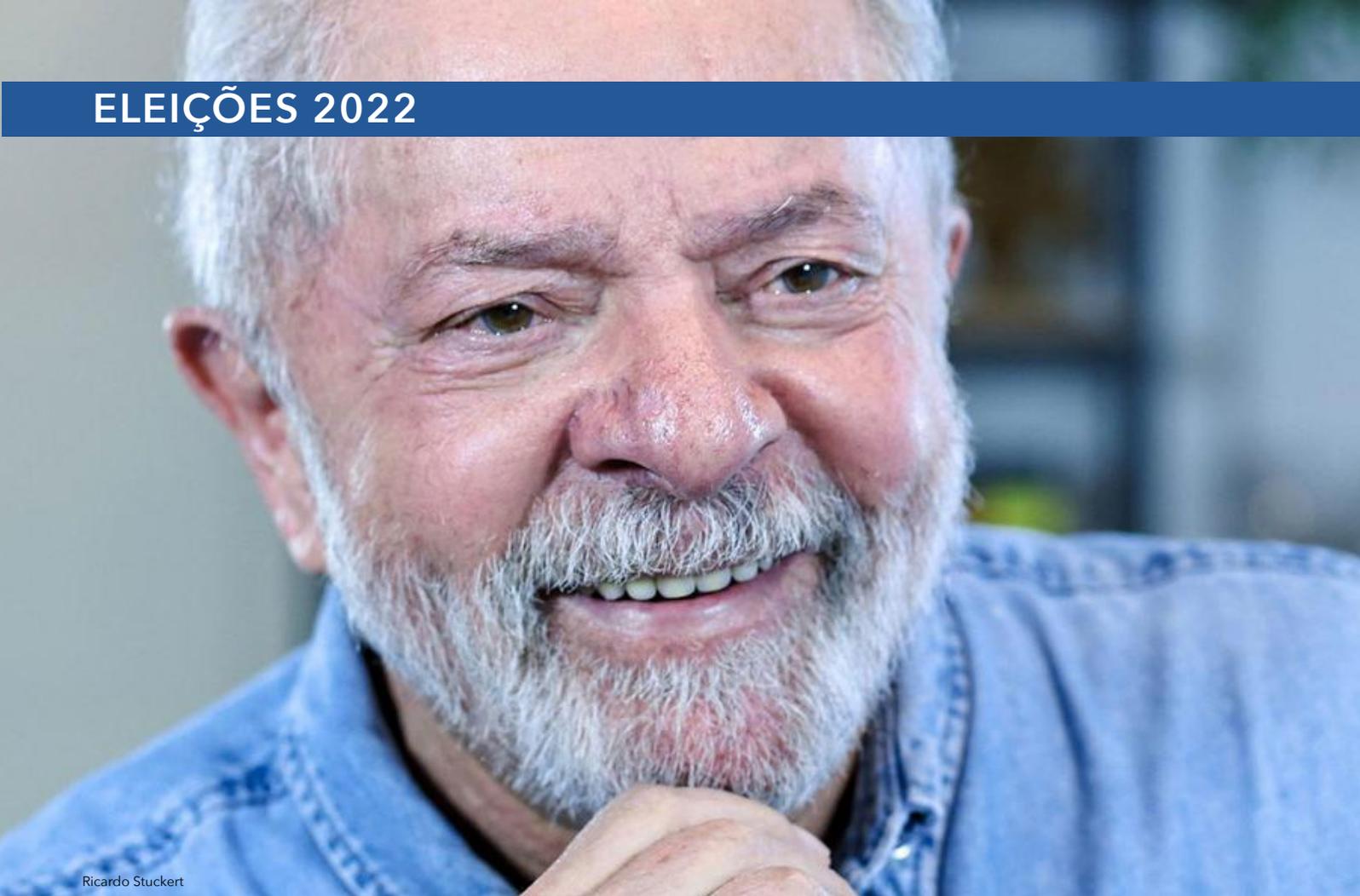
Na Justiça, Bolsonaro também é investigado em seis inquéritos pelo STF e TSE, entre eles, o de denúncias do esquema de corrupção na compra de vacinas contra a Covid-19, em plena pandemia.

No governo de corruptos, alguns dos ministros falcatruas deixaram o governo. Além de Milton Ribeiro (MEC), Ricardo Salles saiu do Meio Ambiente investigado por contrabando de madeira ilegal. E Marcelo Álvaro Antônio (Turismo) caiu acusado de participar de um esquema de corrupção em Minas Gerais.

Os exemplos acima demonstram que o governo Bolsonaro é um promovedor do caos de toda ordem. Mas sempre há tempo de lutar pelo tempo perdido.

A esperança está logo ali, em outubro, quando o pode eleger Lula presidente, e o Brasil se encontrará com a cidadania, a soberania, a dignidade humana, o desenvolvimento social e econômico, com paz e promoção de igualdade e justiça social. •

* Economista, é deputado por Minas Gerais e líder do PT na Câmara dos Deputados.



Ricardo Stuckert

A LIDERANÇA INCONTESTÁVEL

Lula se mantém na dianteira da corrida presidencial. Nas três últimas pesquisas, o ex-presidente está isolado na frente e a terceira via não decola. Problema para Bolsonaro é a rejeição alta

Matheus Tancredo Toledo

A disputa presidencial deste ano está consolidada, com a liderança isolada do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Os levantamentos mais recentes do PoderData, do Ideia Big Data e do Datafolha, divulgados na última semana, apontam um quadro estável: o candidato do PT na preferência absoluta do eleitorado. O bolsonarismo persistente em seu patamar de intenções de voto e a dita 'terceira via' não consegue decolar. Os dados convergem sobre a possi-

bilidade de vitória do petista no primeiro turno.

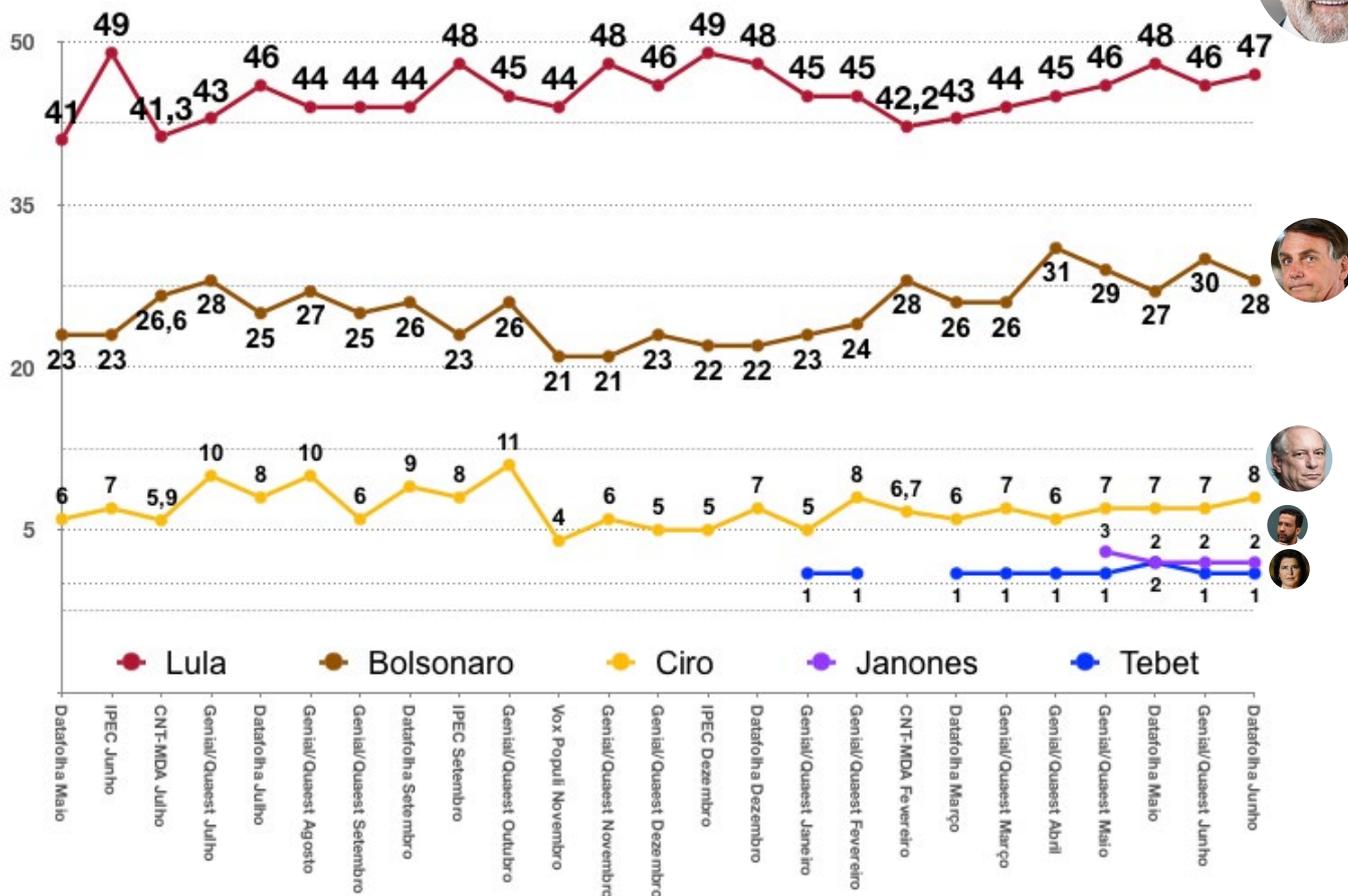
O levantamento mais recente do Datafolha, divulgado na quinta-feira, 23, traz um quadro cristalizado em relação ao levantamento anterior, com vantagem de 19 pontos percentuais para o ex-presidente. Realizada entre 22 e 23, com entrevistas presenciais, a pesquisa aponta Lula com 47% das intenções de voto no primeiro turno, seguido por Bolsonaro com 28%, Ciro Gomes (PDT) com 8%, André Janones (Avante) com 2% e Simone Tebet (MDB) com 1%. Considerando apenas os votos válidos, ou seja, excluindo votos em branco, nulos ou quem não res-

pondeu, Lula alcança 53% - o que reforça a possibilidade de vitória em primeiro turno se o quadro se mantiver até as eleições.

Já as pesquisas Exame/Ideia e PoderData trazem números bastante parecidos entre si. Segundo o Poderdata, Lula teria 44%, Bolsonaro 34%, Ciro 6%, Janones 2% e Tebet 1%. O levantamento do Ideia Big Data traz Lula com 45%, Bolsonaro com 36%, Ciro com 7%, Janones com 1% e Tebet com 3%. Considerando a margem de erro, que é de 2 pontos percentuais na primeira pesquisa e 3 pontos na segunda, o quadro confirma o que o NOPPE tem indicado: levantamentos

Evolução do voto nas eleições presidenciais

Pesquisas estimuladas feitas com participação presencial. Votos totais.



remotos tendem a apontar um patamar mais elevado nas intenções de voto de Bolsonaro em comparação com as presenciais. No Ideia, Lula teria 48% dos votos válidos, enquanto no PoderData, 49,4% - considerando as margens de erro, o número pode ser maior que 50%, o necessário para uma vitória já na primeira etapa das eleições.

No cenário espontâneo, quando não é apresentada uma lista de candidatos aos entrevistados, Lula tem 37% contra 25% de Bolsonaro, segundo o Datafolha. Pelo Ideia Big Data, 35% contra 30% do presidente. A pesquisa PoderData, por limitações metodológicas - um operador automático realiza a pesquisa e o entrevistado responde tecendo números em seu telefone - não apresenta cenário espontâneo. Tais pesquisas trazem estabilidade nas menções espontâneas a Lula e um aumento nas menções a Bolsonaro, den-

tro da margem de erro.

Esse dado indica algo que o Núcleo de Opinião Pública, Pesquisas e Estudos (Noppe), da Fundação Perseu Abramo, aponta há tempos: o bolsonarismo é persistente. E mesmo nos piores momentos para o governo atual, uma parcela - ao mesmo tempo significativa e minoritária da população - mantém seu apoio ao presidente.

Durante os momentos mais dramáticos da pandemia, cerca de um quinto da população ainda aprovava seu governo. Agora, o patamar de intenção de voto espontâneo varia de um quarto a quase um terço do total, a depender da pesquisa.

A persistência bolsonarista e a consolidação da polarização impõem limites ao crescimento da chamada 'terceira via'. Ciro Gomes segue estacionado entre 6% e 8% das intenções de voto, e Simone Tebet - o nome

da vez entre os que já apostaram em Luciano Huck, Luiz Henrique Mandetta, Eduardo Leite, Sergio Moro e João Doria -, luta para ultrapassar André Janones nas pesquisas. Ela se alterna com o deputado do Avante entre o quarto e o quinto lugar nos levantamentos.

Nas simulações de segundo turno, a vantagem de Lula é ainda maior. Segundo o Datafolha, Lula tem 57% contra 34% de Bolsonaro, uma vantagem de 23 pontos. No levantamento do PoderData, o ex-presidente tem 17 pontos de vantagem contra o adversário, com 52% ante a 35% do atual presidente. A pesquisa Exame/Ideia traz um quadro mais parelho, com vantagem de 7 pontos para o petista: Lula tem 48% e o presidente, 41%. •

Cientista político com mestrado na PUC-SP, é analista do Núcleo de Opinião Pública, Pesquisas e Estudos (Noppe), da Fundação Perseu Abramo.

BOLSONARO QUER ENTREGAR PETROBRÁS

Governo prepara um projeto de lei para mudar composição acionária da estatal e entregá-la ao mercado. “É tudo para os acionistas”, critica Lula. Empresa pagou R\$ 48,5 bilhões a acionistas privados, enquanto gasolina encosta em R\$ 9

O governo lesa-pátria de Jair Bolsonaro anuncia um golpe mortal contra o povo brasileiro: a entrega do controle acionário da Petrobrás. Encorajado pela privatização da Eletrobrás, o ministro Paulo Guedes confirma o que integrantes do governo Bolsonaro já vinham comentando publicamente: o modelo de desestatização das Centrais Elétricas Brasileiras pode inspirar o desenho da entrega da Petrobrás ao mercado financeiro. A estratégia inclui ações no Legislativo e a negociação de títulos nas bolsas.

Isso é desenhado no momento em que a Petrobrás deu início ao pagamento de dividendos a acionistas minoritários da primeira parcela de uma bolada de R\$ 48,5 bilhões que serão repassados em remuneração aos acionistas. O valor pago foi de R\$ 24,25 bilhões, dos quais a União recebeu R\$ 8,85 bilhões. É um tapa na cara do povo, penalizado pelos sucessivos aumentos abusivos dos preços dos combustíveis. Já há postos vendendo gasolina a R\$ 9.

A perda do controle da Petrobrás é um descalabro e está sendo pensada nos mesmos moldes do que foi feito com a Eletrobrás: uma capitalização com emissão de novas ações não adquiridas pela União, o que dissolveu sua participação majoritária na composição acionária. Para a Petrobrás, a ideia é converter as ações preferenciais da companhia (sem direito a voto) em ações ordinárias (com direito a voto), driblan-

do restrições constitucionais e legais para repassar o controle da empresa para o rentismo.

“Primeiro, a Eletrobrás era monopólio verticalizado, vendeu a cadeia de distribuição, depois as cadeias de transmissão. E agora finalmente privatizamos a empresa”, afirmou Guedes, em palestra sobre a economia brasileira, no Fórum de Investimentos Brasil 2022, promovido pela Apex Brasil. “A Petrobrás é a mesma coisa. Vendeu a cadeia de distribuição. No final, está limitada ao core business, que é a exploração de petróleo. Aí nós podemos também privatizar e aumentar a competição”, entregou o jogo.

Desde os danos causados pela lava jato, em sete anos a Petrobrás promoveu 68 transações para vender R\$ 243,7 bilhões em ativos. A população perdeu negócios como o da distribuidora de combustíveis BR, polos de gás, gasodutos, campos de exploração de petróleo e refinarias. E, ainda assim, os preços dos combustíveis não param de subir.

A gestão bolsonarista da petroleira afirma que a liquidação de ativos vai gerar recursos para pagamento de dívidas e para reforçar investimentos na única área prioritária atualmente: a de exploração de petróleo no pré-sal. E é justamente essa parte que o governo quer agora passar definitivamente para o setor privado.

No evento dos 70 anos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), na segunda-feira, Guedes revelou a

estratégia para acelerar a privatização. Segundo o ministro, é preciso “dar um incentivo à classe política” para alinhar os “horizontes” políticos e de “transformação do Estado”.

Em 30 de maio, o Ministério de Minas e Energia, sob nova direção (Adolfo Sachsida, o responsável pela catastrófica política econômica de Guedes), formalizou ao Ministério da Economia o pedido de inclusão da Petrobrás na carteira do Programa de Parcerias de Investimentos (PPI). O pedido foi aprovado a toque de caixa, dois dias depois, e o processo agora está com os ex-colégas de Sachsida na pasta do Posto Ipiranga. De lá saiu a ideia agora ventilada de conversão das ações da Petrobrás.

A operação se daria por meio de projeto de lei (PL), cuja minuta diz que a Petrobrás fica “autorizada a converter todas as suas ações preferenciais em ações ordinárias, na forma da legislação societária”. Bolsonaro e o ministro contam com a cumplicidade do presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP-AL), para fazer a proposta avançar no Congresso.

No lançamento das Diretrizes Programáticas do movimento Vamos Juntos Pelo Brasil, na terça, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou que a criação de uma CPI da Petrobrás é mais uma bravata de Bolsonaro. “A primeira coisa que ele sempre tenta fazer é jogar a responsabilidade da sua incapacidade diuturnamente em cima dos outros”, criticou. •



Teresa Maia/AP

DOR E SAUDADE Velório de Bruno Pereira, no Recife, foi marcado pelo choro e homenagem dos índios Xucuru, que pediram Justiça para indigenista

UM ENTERRO COM CHORO DA SAUDADE

Velório de Bruno Pereira tem protesto de indígenas e familiares na última homenagem ao indigenista, que tombou assassinado na Amazônia com Dom Phillips

A morte do indigenista Bruno Pereira, ocorrida no início de junho, assassinado com o repórter inglês Dom Phillips em uma emboscada nos confins da fronteira do Brasil com o Peru, rendeu uma homenagem dolorosa na sua terra natal. Na sexta-feira, 24, no Recife, membros de grupos indígenas brasileiros, amigos e familiares se reuniram para honrar a memória de Bruno. Houve choro, protestos e muita dor. Seu corpo foi cremado após a cerimônia.

Bruno Pereira, que estava de licença da Funai, e o jornalista britânico, cujo corpo foi velado e cremado no Rio de Janeiro, no domingo, 26, desapareceram em 5 de janeiro, na região do Vale do Javari, perto da fronteira com Peru e Colômbia. O caso continua sob investigação da Polícia Federal, mas uma nova linha de apuração foi aberta pela Polícia Civil do Amazonas.

Policiais revelaram que passaram a considerar que as mortes foram resultado de um assassinato ordenado. A dupla desapareceu na região remota do vale do Javari,

na floresta amazônica. Eles deveriam retornar à cidade ribeirinha de Atalaia do Norte. Seus restos mortais foram descobertos posteriormente por investigadores após a prisão de três homens locais envolvidos em operações de pesca ilegal na região.

O chefe da Polícia Civil de Atalaia do Norte, Alex Perez, disse que os investigadores começaram uma nova linha de investigação para entender se os assassinatos foram cometidos por outra pessoa que não os presos. "Demos o primeiro passo e ouvimos alguns testemunhos muito importantes", disse Perez a jornalistas do Guardian que acompanham o caso.

No Recife, membros do grupo indígena Xucuru cantaram canções de luto perto do caixão lacrado de Pereira, com sua foto emoldurada em cima. Eles clamaram por "Justiça para Dom e Bruno". Marcos Xucuru, chefe do grupo Xucuru, disse que ele e outros vieram "para homenagear o guerreiro o Bruno que se torna um mártir por todos nós, pela causa indígena... por

aqueles que lutam em defesa da vida", disse.

Thany Rufino, cunhada de Pereira, agradeceu a quem "orou, buscou, trabalhou, representou Bruno". "Que Deus em sua grandeza recompense a todos e suas famílias. Agora, nos dedicamos ao amor, ao perdão e à oração", disse.

Investigadores da polícia disseram na semana passada que os corpos dos dois homens foram encontrados nas profundezas da floresta, para onde foram levados pelo assassino. A polícia prendeu três pessoas suspeitas do crime.

Pereira estava tentando ajudar grupos indígenas do Vale do Javari a criar uma trilha de 350 quilômetros marcando a fronteira sudoeste de seu território para ajudar a protegê-lo da invasão de fazendeiros e outros forasteiros.

Ele estava ajudando Phillips durante uma viagem do repórter à região quando ambos foram atacados. O jornalista, cujo funeral estava marcado para domingo no Rio de Janeiro, escrevia um livro sobre preservação da Amazônia.

Bruno nasceu na cidade do Recife e iniciou sua carreira profissional como jornalista. Mas seu interesse por assuntos e línguas indígenas – ele aprendeu quatro deles – o levou a trabalhar para a Fundação Nacional do Índio.

Rapidamente se tornou um dos maiores especialistas do país no Vale do Javari, onde passava meses trabalhando, com pouco contato com o mundo exterior. Sua esposa Beatriz Matos, antropóloga, incentivou sua missão. Eles tiveram dois filhos.

Bruno disse à Associated Press em novembro que estava esperando o fim do governo Bolsonaro para retornar à Funai e, enquanto isso, trabalharia com uma associação indígena. Seu caixão estava coberto com suas paixões: a bandeira de Pernambuco, onde cresceu, e do time de futebol, o Sport Club. •



UNIDADE Vitorioso no segundo turno, o senador Gustavo Petro disse que eleição traz esperança à Colômbia

A ESQUERDA TRIUNFA NA COLÔMBIA

Pela primeira vez, um presidente de esquerda governará o país. Em sua terceira tentativa de se eleger, Gustavo Petro, ex-prefeito de Bogotá e senador, venceu com a proposta de fortalecer o Estado, transformar o sistema de saúde e previdência e mudar a política energética

Após quatro décadas de luta, primeiro nas armas e depois na democracia, o revolucionário de óculos que sobreviveu à tortura e ao exílio veio para conquistar a Presidência da Colômbia: Gustavo Petro, aos 62 anos, triunfou no domingo no segundo turno das eleições presidenciais. O senador foi eleito com 50,45% dos votos contra o empresário Rodolfo Hernández, que recebeu 47,3% dos votos.

Ele comemorou a vitória ainda no domingo. "Hoje é feriado para o povo. Que ele celebre a primeira vitória popular. Que tantos sofrimentos sejam amortecidos na alegria que hoje inunda o coração da Pátria. Essa vitória para Deus e para o Povo e sua história. Hoje é o dia das ruas e praças", escreveu Petro em sua conta no Twitter.

Em seu primeiro pronunciamento como presidente eleito, Petro saudou a esperança. "A mudança significa o acolhimento

à esperança, a possibilidade de abrir um futuro, a mudança significa abrir oportunidades para todos os colombianos e colombianas, essa esperança pode encher todos os cantos do território nacional, a mudança significa que o governo da esperança", afirmou.

No discurso de vitória, defendeu a conciliação. Assim como o Brasil, a Colômbia atravessa uma crise e a opinião pública está dividida. Mas Petro prega a unidade. "Não é hora de ódio. Este governo que co-

meçará em 7 de agosto é um governo de vida. Em que consiste um governo da vida? Primeiro na paz, segundo na justiça social, terceiro na justiça ambiental, a paz como eixo de um governo da vida”, disse.

Assim como Lula, Petro disputava pela terceira vez a Presidência, desta vez triunfando e impondo uma derrota às elites. O ex-prefeito e senador propõe fortalecer o Estado, transformar o sistema de saúde e previdência e suspender a exploração de petróleo para dar lugar à energia limpa diante da crise climática.

Nascido em 1960 em Ciéna-ga de Oro, no departamento caribenho de Córdoba, Petro cresceu e estudou no interior do país, em Zipaquirá, cidade andina perto de Bogotá. É o mais velho de três irmãos, de família de classe média, com pai do litoral e mãe do interior.

Essa mistura também persiste em seu caráter: tímido e quieto, mas um grande orador e que se mostra confortável quando sobe ao palco em praças públicas, onde deslumbra seus ouvintes com frases bombásticas e grandes discursos.

Na escola La Salle de Zipaquirá, a mesma por onde passou Gabriel García Márquez, Petro respondeu aos padres com altivez e ali começou sua militância lendo intelectuais marxistas. Em 1978, aos 18 anos, ingressou no grupo guerrilheiro M-19, onde trabalhou principalmente como ligação urbana e não na luta armada, até seu desarmamento em 1990.

Dos 12 anos que viveu nas fileiras do M-19 sob o nome de “Aureliano”, como o personagem de “Cem Anos de Solidão”, passou três na clandestinidade e outros dois na cadeia. Capturaram-no em 1985 em Bolívar

83, bairro popular de Zipaquirá que ele ajudou a fundar, e o torturaram como a tantos guerrilheiros da época.

O Petro que tentou novamente ser presidente em 2022 estava longe daqueles anos de militância e luta armada, e com certeza sua etapa como parlamentar pesa mais sobre ele. Nunca se sentiu à vontade com armas, mas com palavras, com as quais se defendeu na Câmara dos Deputados e no Senado.

Moradores e estrangeiros costumam reconhecê-lo como um dos parlamentares mais lúcidos da Colômbia nas últimas décadas, e ganhou popularidade no início dos anos 2000 por suas denúncias sobre as ligações entre políticos e paramilitares, tornando-se também uma dor de cabeça para seu arqui-inimigo, o ex-presidente Álvaro Uribe, e processando várias pessoas.

Lula saudou a vitória do senador. “Felicito calorosamente os companheiros Gustavo Petro e Francia Marquez e todo o povo colombiano pela importante vitória nas eleições deste domingo”, escreveu o ex-presidente brasileiro nas redes sociais. “Desejo sucesso a Petro em seu governo. A sua vitória fortalece a democracia e as forças progressistas na América Latina”.

A ex-presidenta Dilma Rousseff também celebrou o triunfo da chapa do Pacto Histórico na Colômbia. “O triunfo histórico do companheiro Gustavo Petro e da companheira Francia Marquez é uma grande vitória do bravo povo colombiano e é também um alento e uma renovada esperança para todas as nações da América Latina que lutam por democracia e contra o neoliberalismo. Viva a Colômbia”, escreveu. • Com

Página 12

FORTES ONDAS DE PROTESTOS NO EQUADOR

Os protestos de indígenas e sindicalistas no Equador explodiram na quinta-feira, 23, em violência na medida em que os manifestantes se aproximavam da capital, Quito. A crise se aprofundou apesar da extensão, por parte do governo, de um estado de emergência de três para seis das 23 províncias do país.

Pelo menos uma pessoa morreu na cidade, segundo fontes dos manifestantes, que não deram mais detalhes. Desde o início dos protestos, há dez dias, entidades de defesa dos direitos humanos locais dizem que 55 pessoas ficaram feridas e outras 79 foram presas.

Além da redução dos preços dos combustíveis, dos alimentos da cesta básica e do transporte público, os manifestantes passaram a exigir também a renúncia do presidente Guillermo Lasso. Os grupos de indígenas bloquearam ruas e avenidas de Quito queimando pneus e despejando terra nas vias.

Além disso, veículos com manifestantes perseguiam caminhões e ônibus nas capitais para furar seus pneus. O edifício da Procuradoria-Geral do Equador foi apedrejado e centenas de policiais e soldados do Exército cercavam o Palácio de Carandolet, a sede do governo.

“O galão (3,78 litros) de diesel, que custava US\$ 1 no fim do ano passado está hoje em US\$ 1,90, o que causa a alta generalizada dos preços”, aponta o cientista político da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, Álvaro Sánchez. O Equador é produtor e exportador de petróleo. A inflação do país, dolarizado, em 2021 foi baixa, de 0,13%. Mas desde janeiro acumula uma alta de 3,21%. •



Ricardo Stücker



AFP

ESQUERDA AVANÇA Líder da França Insubmissa, Jean-Luc Mélenchon (acima, com Lula, Dilma e Haddad) mostrou a força dos progressistas na disputa parlamentar. Macron perdeu a maioria absoluta e terá de negociar para governar

NA FRANÇA, A ESQUERDA AVANÇA

Macron perde a maioria na Assembleia Nacional em derrota histórica. A esquerda unida ganha a segunda maior bancada, mas crescimento da extrema-direita preocupa

A coligação do presidente francês, Emmanuel Macron, não conseguiu manter maioria absoluta no Parlamento no segundo turno das eleições legislativas, disputadas no domingo, 19. A surpresa foi o avanço da esquerda. A Nupes, sigla da Nova União Popular Ecológica e Social, uma coalizão das principais forças de esquerda do país, formada por iniciativa de Jean-Luc Mélenchon, líder da França Insubmissa, da esquerda radical, ficou em segundo lugar e conquistou 131 cadeiras.

É a primeira vez que um presidente recém-eleito (reeleito, no caso de Macron) não obtém maioria absoluta para governar. O mais assustador, contudo, é o crescimento da extrema-direita. O Rassemblement National (Reagrupamento Nacional), liderado por Marine Le Pen, foi a terceira força mais votada e multiplicou por 12 seu número de deputados. O RN alcançou o melhor desempenho em uma eleição legislativa desde sua criação por Jean-Marie Le Pen, pai de Marine, há 50 anos.

O Rassemblement Nacional passou de apenas 7 deputados na

atual legislatura, que se encerra, para 89, de acordo com os números divulgados pelo ministério do Interior. “É um tsunami”, declarou o presidente do partido, Jordan Bardella. O resultado inesperado é considerado uma guinada no cenário político francês.

A coligação centrista “Ensemble!” (Juntos!) de Macron obteve 245 cadeiras na Assembleia Nacional. Para obter a maioria absoluta, seria necessário conquistar 289 dos 577 assentos. Apesar de sua coalizão ter sido a mais votada, Macron precisará, na avaliação de especialistas, buscar alianças e terá grandes dificuldades para governar devido ao forte avanço da esquerda e da direita radical.

Com o desempenho, a Nupes – que, além da França Insubmissa, reúne os partidos Socialista, Ecológico e Comunista –, se torna numericamente a principal força de oposição no Legislativo. A questão que se coloca agora é se a aliança, que deverá formar grupos separados no Parlamento em função dos partidos, conseguirá se manter unida e irá durar.

O resultado da coalizão representa um salto em relação à atual

legislatura, onde a esquerda como um todo reúne menos de 80 deputados. Em um discurso ainda na noite de domingo, Mélenchon afirmou que a “derrota do partido presidencial é total”.

A primeira-ministra do país, Elisabeth Borne, que também era candidata e conseguiu se eleger, disse em pronunciamento na TV francesa que nunca havia visto uma Assembleia Nacional como a que se configura agora. “A situação representa um risco para o país, dados os riscos que já temos enfrentado nacional e internacionalmente”, declarou. Ela chegou a entregar o cargo, mas Macron não aceitou a renúncia.

O duelo apertado entre a aliança centrista de Macron e a frente de esquerda Nupes no primeiro turno, que resultou em um empate, com uma diferença de apenas cerca de 21 mil votos a favor do Ensemble! de Macron, levou o presidente francês a lançar apelos às vésperas desse segundo turno, alertando que haveria “desordem” ou “bloqueio” da vida política francesa se ele não obtivesse uma “maioria sólida” no Parlamento. • Com a **BBC**

Reprodução

25 de junho de 1950

EUA: GUERRA À COREIA DO NORTE

A Coreia do Norte invade a Coreia do Sul. A alegação é que o país vizinho, aliado dos EUA, não respeitara a fronteira do paralelo 38 – estabelecida arbitrariamente pela ONU em 1948 para separar a porção norte, comunista, da região sul, capitalista. Dois dias depois da invasão, os Estados Unidos declarariam guerra ao lado comunista, dando início assim ao primeiro confronto direto entre os dois blocos que disputavam a hegemonia global após o fim da 2ª Guerra Mundial. Nos três anos seguintes, o conflito envolveria uma coalizão de 16 países organizada pela ONU e liderada pelos EUA, de um lado, e a Coreia do Norte, com apoio soviético e chinês, do outro.

Outras datas históricas:

24/06/1880: Nasce João Cândido, conhecido como o "Almirante Negro", líder da Revolta da Chibata, que lutaria pelos direitos sociais dos negros no Brasil.

26/06/1913: Nasce na Martinica, Aimé Césaire, dramaturgo, poeta, ideólogo do conceito de "negritude".

25/06/1955: Nasce em Copenhague, na Dinamarca, Kjeld Jakobsen, que se tornaria sindicalista e dirigente da CUT.

27/06/1973: Golpe no Uruguai.

25/06/1975: Independência de Moçambique.

26/06/2003: Criação no governo Lula da Secretaria Nacional de Economia Solidária.

26/06/2014: A presidenta Dilma Rousseff sanciona lei que destina 10% do PIB para a Educação.



28 de junho de 1997

SÃO PAULO SEDIA A 1ª PARADA DO ORGULHO GLT

Inspirada nas "gay pride parades" realizadas desde 1969 nos Estados Unidos, a primeira Parada do Orgulho GLT aconteceu em São Paulo no dia 28 de junho de 1997. Sob o lema "Somos muitos, estamos em todos os lugares e em todas as profissões", o evento reuniu cerca de 2 mil pessoas na famosa Avenida Paulista.

A iniciativa inédita no Brasil procurava dar visibilidade à população GLT – sigla utilizada à época para se referir a comunidade formada por gays, lésbicas e travestis – e sensibilizar a sociedade para o convívio respeitoso com as diferenças, pressionando o Estado a garantir os direitos da comunidade.

Organizações como o Grupo Gay da Bahia e o Grupo Atobá apontavam um número crescente de crimes contra gays, lésbicas e travestis: na década de 1990, 1.256 casos de assassinatos por homofobia haviam sido registrados.

Em 1999, já com o nome de Parada do Orgulho LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros), o evento entrou no calendário oficial da cidade de São Paulo, tornando-se o maior do mundo no gênero. Na edição de 2022 da parada, cerca de 4 milhões de pessoas ocuparam a avenida mais famosa da capital paulista entoando o mote "Vote com orgulho - por uma política que representa".

Ricardo Stuckert



27 de junho de 2007

MAIS DINHEIRO PARA AGRICULTURA FAMILIAR

Em 27 de junho de 2007, presidente Lula anuncia financiamento recorde para a agricultura familiar no Brasil. Por meio do Plano Safra de 2007/2008, foram colocados à disposição R\$ 12 bilhões nas diversas linhas de crédito do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf).

É o maior valor já destinado na história do programa, 20% superior ao do ano anterior. Outras inovações do plano foram a redução da taxa de juros, a ampliação dos limites de renda e financiamento, além da diversificação do público-alvo.

O Plano Safra da Agricultura familiar atingiu mais de 5.400 municípios e ampliou o tipo de

atividade financiada pelo governo federal, passando a incluir atividades cooperativistas, agroflorestais e agroindustriais.

Com Lula e Dilma, o financiamento para os pequenos produtores rurais foi batendo recordes sucessivos e chegou a R\$ 24,1 bilhões em 2014/2015. Como resultado desse investimento inédito, de 2003 a 2011 a renda dos agricultores familiares cresceu 52% e 3,7 milhões deles ingressaram na classe média rural.

Em 2014, 74% da mão de obra no campo foi empregada pelo setor e 70% dos alimentos consumidos no Brasil foram produzidos pela agricultura familiar.

30 de junho de 2005

1ª CONFERÊNCIA DA IGUALDADE RACIAL

Começa em Brasília, em 30 de junho de 2005, a 1ª Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial (Conapir). O evento conta com a participação do presidente Lula, além dos seus ministros das Políticas de Promoção da Igualdade Racial, da Saúde, do Desenvolvimento Agrário e do Trabalho e Emprego. Com cerca de 1.200 delegados – negros, ciganos, indígenas, árabes e judeus, entre outras etnias – eleitos nas conferências preparatórias estaduais, a 1ª Conapir debateu propostas para a redução das desigualdades raciais no Brasil e promoção da inclusão dos excluídos.

A construção da conferência envolveu mais de 90 mil pessoas, por meio das 26 conferências estaduais e da conferência do Distrito Federal, precedidas de etapas municipais e regionais que mobilizaram 1.332 municípios. Colocando os sujeitos como protagonistas de suas histórias e definidores de seus rumos, a conferência refletia um movimento amplo em curso à época, marcado pela expansão da participação social e da realização de conferências em diversas áreas de políticas públicas.

Esta seção é fruto da parceria entre o Centro Sérgio Buarque de Holanda, da FPA, o Memorial da Democracia e o Instituto Lula. Os textos remetem a um calendário de eventos e personalidades da esquerda que é colaborativo e está em constante atualização.

Envie suas sugestões por e-mail para memoria@fpabramo.org.br

memorialdademocracia.com.br



PARA ENTENDER NOSSOS DIAS

Dois livros lançados pelos jornalistas Paulo Roberto Pires e Rodrigo Vianna traçam um retrato dos últimos 10 anos da história política do país. Dos dias de luta para denunciar as manobras do jornalismo de campanha e da crítica à mídia corporativa até chegar aos dias do Brasil sob Bolsonaro. A imprensa agoniza agora, mas também ajudou a parir a besta da extrema-direita

Bia Abramo

Alguém se lembra como era a política antes da internet? Felizmente, sim. Os jornalistas Paulo Roberto Pires e Rodrigo Vianna não apenas lembram, como acabam de lançar livros que aguçam o olhar para o que agora já é uma história de mais de 20 anos: a da migra-

ção da circulação das informações e das ideias de meios analógicos para os digitais. Isso provocou um deslocamento daquilo que se chamava de esfera pública do debate político para uma esfera estranha chamada internet.

Professor da UFRJ e editor da revista Serrote, do Instituto Moreira Salles, Paulo Roberto Pires lança o livro “Diante do Fascismo – Crônicas de um país à beira do

abismo” (editora Tinta da China), que cobre o período entre março de 2018 e março deste ano. Ele reúne colunas escritas para a Época e o site da revista de livros Quatro Cinco Um. Com origem no jornalismo cultural como crítico de música e literatura nos jornais O Globo e Jornal do Brasil, Pires começa o ano em que passamos a viver em perigo permanente no tom de perplexidade de



quem está observando com ar de mofa e sarcasmo.

Com prosa fluida e, por momentos, engraçada a ponto de chegar no deboche franco, Pires vai mapeando os tipos humanos do mundo das ideias, as modas da linguagem, os incômodos dos bem-pensante com o humor possível antes da catástrofe. Ou seja, as eleições que botaram Jair Bolsonaro, então um fascista em formação e um sujeito da baixíssima política, no poder.

Em 26 de outubro, às vésperas do segundo turno, com o caldo entornado já a favor de Bolsonaro, Pires publica "Diante do Fascismo", espécie de compilação do debate que tomava os cadernos culturais e comentaristas de outras plataformas sobre a impropriedade de chamar Bolsonaro de "fascista".

"Preferiu-se discutir se a marola é tsunami a organizar uma

eventual fuga para as montanhas. Hoje, cheios de razão, estão prestes a morrer afogados. (...) E tome Hannah Arendt, Norberto Bobbio, George Orwell e mal disfarçada Wikipedia para explicar que seria exagero, tergiversação ou ignorância associar fascismo à peculiar concepção de sociedade que se traduz nos atos e nos planos do capitão, sua família, seu economista, seus generais e recrutas", escreve o jornalista Bob Fernandes na apresentação "Paulo Roberto Pires viu antes".

A partir de 2019, saído da Época para o ritmo mais espaçado e solto da Quatro Cinco Um, vão se avolumando as evidências e a perplexidade, que ainda permitia algum humor, passa a ser substituída pela indignação, pelo choque. E, sim, pela raiva.

Na contracorrente de discursos moderados e cirandeiros, Pires ataca a ideia fixa da "pola-

rização" como a raiz dos males do Brasil. Ele é implacável contra o "Intellectual Sem Posição", mais comumente chamado de "isenção" nas redes. E, ainda que ainda fale do ponto de vista do sujeito que se bota no lugar do observador da cultura, os artigos assumem tom político inequívoco.

É em 2020, com a chegada do coronavírus e do abandono criminoso do governo, que aquilo que vem se gestando explode e o autor passa a classificar, com todas as letras, o governo Bolsonaro como a barbárie fascista encarnada. "Diante do Fascismo", além do testemunho de um escritor sobre seu tempo, constitui-se como um documento precioso para as próximas gerações, se é que elas existirão e vão ainda gostar de livros, entenderem o transe que vivemos nessa quadra de tempo.

O livro de Vianna, igualmente essencial, é uma espécie de ré-

quem para o blog *O Escrevinhador*, que manteve entre 2008 e 2020. Repórter de jornalismo diário, impresso e televisivo, Rodrigo Vianna também procura incorporar a formação em história e a militância como ativista da mídia. “De Lula a Bolsonaro – Combates na Internet” acaba, portanto, por cobrir um período maior do que o volume de Pires, mas nem por isso perde o sentido de urgência.

Vianna é da turma dos “blogs sujos”, forma que o então candidato do PSDB à Presidência, nas eleições de 2010, José Serra, achou para desprezar ou diminuir o trabalho daqueles jornalistas que migraram para o online. Ali, havia uma tentativa de fazer aquilo que se chamava de “contranarrativa”, ou seja, de escrever, publicar e reportar aquilo que a mídia corporativa escondia, omitia ou manipulava. Serra, já então um político de longa data, tentava naquele ano ganhar de um Lula que saía com uma aprovação alta de seu primeiro mandato e aparecia em primeiro lugar nas pesquisas. O tucano protagonizaria um dos episódios pioneiros das fake news antes da internet: o caso da bolinha de papel, brilhantemente radiografado por Vianna no texto em que conta os bastidores da edição da Rede Globo do episódio, “Bolinha de papel: o dia em que até a Globo vaiou Ali Kamel”.

À época, as entradas dos blog “O Escrevinhador” eram diárias, como muitas vezes com dois posts por dia. E Vianna era apenas um dos blogueiros progressistas que, de fato, estavam revivendo uma forma de fazer jornalismo independente e alternativo na internet.

Além do caráter francamente colaborativo entre os vários profissionais de comunicação envolvidos nessa empreitada, havia um tom experimental – afinal, a Internet então podia competir

quase que ombro a ombro com as grandes empresas de comunicação, uma vez que as migrações dos principais veículos para o online ainda patinavam tecnologicamente e as redes sociais ainda eram, de certa forma, incipientes.

Esse movimento político e essa guinada técnica para o que se chamava de “blogosfera” mostrou a força, a criatividade e, sobretudo, o inconformismo do jornalismo brasileiro. Também veio o aparecimento vertiginoso de blogs, sites e plataformas, de revistas eletrônicas mais multimídia e com acabamento mais apurado. Mas, não menos importante, havia a criação de um meio ambiente de informação, análise e circulação de ideias muito mais progressista, em alguns casos francamente de esquerda, e livre. É essa a história que está por trás da história do livro de Vianna, que tenta flagrar a história de uma década de luta política no Brasil pela perspectiva da arena jornalística.

Assim, o livro faz um esforço verdadeiramente didático e (bem-sucedido) de ordenar aquilo que Vianna via pela tela e pelas ruas, pela televisão e pela internet da extraordinária história que vivemos entre o metade do segundo mandato de Lula, as transições para o governo de Dilma Rousseff, o golpe e a chegada da extrema direita no poder. Extraordinária, porém trágica, o que coloca sempre uma questão para qualquer ramo de atividade do pensamento: o que, afinal, aconteceu? Como caímos? Como deixamos isso acontecer?

A busca dessa resposta, que tira e ainda tira o sono de muitos de nós, parece ser aquilo que ainda move Vianna a seguir, como comentarista e debatedor da TV 247, a perseguir aquilo que é o ouro da atividade jornalística: a inquietação constante de investigar, analisar e deixar as pegadas para o futuro. •

PING | PAULO ROBERTO PIRES

A MÍDIA FEZ A NATURALIZAÇÃO DO ABSURDO

Você classifica, a partir do título, os textos publicados como crônicas. No entanto, lidas em conjunto, ainda que elas conservem o calor do registro cronológico e de uma certa rapidez do comentário em revista semanal ou do blog, no final elas lembram o ensaio. Em que medida isso foi proposital, no sentido de um projeto que norteou a sua reflexão? Ou isso se deu mais pela necessidade de pensar esse período a partir desses "sintomas"?

– Decidimos, o Paulo Werneck e eu, chamar de crônicas mesmo por conta desse vínculo temporal, de mostrar os textos datados para que se percebesse a progressão da barbárie e, também, da perplexidade/raiva do colonista... Mas tem, sim, uma pretensão ensaística, espero que no melhor sentido do termo. Procurei sempre casar o calor dos fatos com leituras menos imediatistas, me levando a autores contemporâneos com o Jason Stanley e ao velho e bom Adorno – e também o Sartre não como filósofo ou escritor, mas intelectual público. Acho que os sintomas foram se apresentando quase que didaticamente. O desgoverno é, num certo sentido, muito transparente.

- Você diria que, de alguma forma, a internet remoldou

a forma como profissionais da escrita, sobretudo no jornalismo e no colunismo/cadernos culturais, escrevem? Se sim, há ganhos mais do que perdas ou ao contrário?

– Acho que mudou sim, com uma ambiguidade. É bom que a gente possa escrever em cima do lance, a quente, e também é ruim que a gente fique sempre tentado a reagir rapidamente a coisas que necessitam um tempo e uma distância de reflexão. Mas são essas as regras do jogo hoje e, estando nele, é preciso encarar. De preferência tentando ser crítico.

O ritmo das crônicas assume um tom ainda mais crítico a partir de “O Fascista da Esquina”, texto de 17 de junho de 2020, como se aquela raiva e mesmo o sarcasmo contra o processo de imbecilização dos apoiadores de Bolsonaro ou de cegueira dos isentões chegasse num ponto do não-retorno, do insuportável. Como o mundo das ideias e da cultura pode contribuir mais e melhor como antídoto ao fascismo?

– Sim, acho que daquele momento pra frente é ladeira abaixo mesmo. Acho que a contribuição fundamental é manter a dureza do jogo, jamais naturalizar qualquer aspecto desses delinquentes. E é o mais difícil, pois parte significativa de comentaristas jogam na naturalização, não chamam as coisas pelo nome. Hoje eu ouvi na TV que o Bolsonaro tem posições “polêmicas” sobre os indígenas. Não é polêmica, é uma intenção assassina! É muito cansativo reiterar a todo momento isso, mas é o único jeito, é o que está ao nosso alcance. •

PONG | RODRIGO VIANNA

SEMPRE VAMOS PRECISAR DE JORNALISMO

Mais de 30 anos de jornalismo profissional, 12 pelo menos na internet, como blogueiro “sujo”. De alguma maneira, vivemos nesse período uma decadência do jornalismo, ao mesmo tempo que sua reinvenção. Fazendo um exercício de futurologia, como será o jornalismo daqui a 10 anos? Precisaremos ainda do jornalismo? Qual e por quê?

– A mídia corporativa brasileira, que fez um “ensaio” de se abrir para visões mais plurais nos anos 1980 e 1990, mergulhou de cabeça no que poderíamos chamar de “jornalismo de campanha”, nesse início de século 21. Campanha em defesa de privatizações, de esvaziamento do Estado nacional, num primeiro momento. Depois, a mídia corporativa retomou a velha sintaxe lacerdista e foi pra cima do PT, dos sindicatos, de qualquer coisa que significasse contra-poder ao projeto neoliberal. E aí expurgou jornalistas que não aceitaram participar dessa marcha da imprensa, que se abraçou gostosamente ao bolsonarismo.

Seguiremos precisando de jornalismo. Evidente que também na mídia corporativa há lampejos de bom jornalismo. Mas há uma interdição: jornalismo que conteste o poder político, ok. Mas os cânones liberais seguem intocáveis! Precisamos, hoje, daqui a 10 ou 100 anos, de um jornalismo que mostre o absurdo que significa apostar na destruição do Estado – sabendo que foi quem construiu alguma civilidade no Brasil. Precisamos de

jornalismo que conteste o poder e o projeto do rentismo. E não virá da mídia corporativa.

– Como foi o critério de seleção? Você levou em consideração audiência e/ou repercussão do post ou a ideia foi estabelecer uma linha lógica e cronológica?

– Selecionei os textos, escritos a quente durante 10 ou 12 anos, que ajudassem a contar a história cronológica da estranha travessia vivida pelo Brasil. É a primeira camada do livro: uma sequência de crônicas curtas que ajudam a recontar a história recente. A segunda: os combates da comunicação, dos blogueiros progressistas. E há uma terceira, quando me arrisco a defender a “tese” de que Lula e Dilma no poder significaram a retomada do fio da história do velho trabalhismo. O ataque a Lula/Dilma é o ataque ao projeto de um Brasil independente. A questão nacional, o petróleo e a ideia de uma Nação autônoma e menos desigual, estão na raiz do Golpe de 2016.

– História e jornalismo se encontram onde? No dia-a-dia, no impulso de contextualizar e explicar o que estamos testemunhando, ou a posteriori?

– Jornalismo e história podem se encontrar dessas duas formas que você define. Para mim, se encontram já na hora da escrita, com os paralelos e o olhar que leva em conta também a “longa duração” dos dramas sociais e políticos brasileiros: escravidão, casa grande e senzala, a falta de uma burguesia nacional, o Estado como condutor da construção nacional, o golpismo da elite. Tudo isso “vem de looonge”, como dizia Brizola. Mas jornalismo e história se encontram também na hora de fazer uma síntese, dando um sentido ao que escrevi ao longo de dez ou doze anos na internet. •

DEPOIS DA BORRASCA

Primeira canção inédita de Chico Buarque desde 2017, “Que Tal Um Samba”, composição em parceria com o bandolinista Hamilton de Holanda, anuncia turnê nacional por 11 cidades brasileiras e é um convite a “juntar os cacos, ir à luta”

Bia Abramo

Alguém uma vez me disse: “Chico faz análise de conjuntura, enquanto X faz leitura da vibe”. Não interessa quem é X nessa afirmação, por que o que vale é a primeira sentença. Lá veio Francisco, de novo, com uma análise de conjuntura aguda & precisa, mas que é também um samba lindo. Não, errei aqui. É O samba do ano da desgraça de 2022.

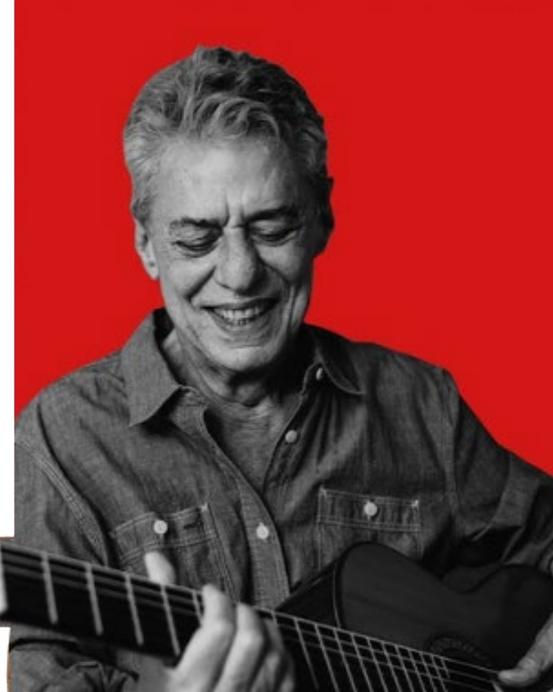
O clipe começou a circular na sexta-feira da semana passada, às vésperas do aniversário de 78 anos do cantor, no dia 19. Composto em parceria com o bandolinista Hamilton de Holanda, é uma daquelas canções de Chico Buarque em toda sua potência de pensar enquanto canta, de fazer enganchar uma frase na outra, encadeando as palavras de maneira que, tudo ouvido e absorvido, demora a decantar no espírito. É como se estivéssemos ali diante de uma coisa que parece simples, até ingênua em sua singeleza de letras de muitos substantivos e verbos, mas que, numa curva, numa esquina, numa inflexão de fraseado musical, te dá um susto, provoca um choque.

Como em muitas letras dessa turma de letras do compositor começa devagar, com uma ideia vaga, uma proposta modesta: “Um samba/Que tal um samba?” (Queremos, sempre). Daí ele disfarça, como se estivesse com a alma a flamar pelas ruas

do Rio, pela orla com seus botecos, olhando o “mar que não tem tamanho” e os morros que delimitam as praias cariocas, a leseira da maresia, do futebol na areia ou das quadras da Lagoa Rodrigo Freitas, como se estivéssemos acompanhando este senhor em uma de suas intermináveis caminhadas (Sabemos, Chico, que você é um andarilho, sabemos disso e achamos isso, sei lá, de uma elegância ímpar e também de uma lógica meio que óbvia, pois o que fazer numa cidade como o Rio de Janeiro se não andar para ver ao rés-do-chão essa beleza que tira o fôlego?)

E então, da melodia envolvente, Chico nos chama às falas, isto é, nos pede atenção para o que realmente importa no samba para o qual nos convidou (“Coração pegando fogo/ E cabeça fria”). Quase poetas, junto com ele, nesse percurso pelas imagens caras a ele, Chico, e que ele nos ensinou a amar (a pelada, o banho de mar, o trago, a cama da amada), despertamos para a necessidade imperiosa de criar beleza (numa simpática citação à canção de Caetano Veloso, “Beleza Pura”): “Que tal uma beleza pura/ No fim da borrasca?/ Já depois de criar casca/ E perder a ternura/ Depois de muita bola fora da meta”.

Entre estrofes divididas em sete e cinco versos, pontilhadas pelo bandolim de Hamilton de Holanda (não



sei descrever; só sei que o instrumento parece sublinhar e comentar cada palavra, cada pausa, como que respirando junto com o canto), chegamos quase sem fôlego por que sabemos que, então virá a ladeira abaixo na reiteração dos substantivos que rimam com o “samba porreta”: mutreta/ cascata/ derrota/ demência. A “dor filha da puta” faz cair o pano, desvelando o cadáver insepulto e putrefato do bode que o Brasil botou na sala.

Primeira canção inédita desde 2017, ano do LP “Caravanas”, “Que Tal Um Samba” é da mesma linhagem de “Apesar de Você”, de “Meu Caro Amigo”, “Vai Passar”, entre outras. Não custa lembrar que “Apesar de Você”, canção de 1971 e censurada, voltou à vida, por assim dizer, nos anos pós-golpe, foi uma espécie de hino informal da banda progressista das eleições de 2018 e acompanhou muitos painéis “Fora Bolsonaro” nos primeiros meses do ano 1 da pandemia.

O lançamento dos clipes, um só com a canção e outro com a letra, também é uma espécie de teaser para a turnê nacional do cantor e compositor, que dividirá palco com Mônica Salmaso e tem datas confirmadas a partir da 6 de setembro em João Pessoa, Paraíba, até abril de 2023 em São Paulo. Oxalá, Chico, em 2023, a gente esteja de novo de “coluna ereta, que tal?” •



A LUTA CONTRA O FASCISMO

Organização:

Alberto Cantalice e Pedro Camarão

Chico Diaz • Dilma Rousseff •
Fernando Haddad • Frei Betto
• Izabella Teixeira • João Manuel
Cardoso de Mello • Luis Nassif
• Luiz Carlos Bresser-Pereira •
Marilena Chaui • Paulo Betti
• Rogério Cerqueira Leite •
Silvio Almeida • Tereza Cristina

Disponível no site da Fundação Perseu Abramo

[/fpabramo.org.br/publicacoes/estante/a-luta-contr-o-fascismo/](http://fpabramo.org.br/publicacoes/estante/a-luta-contr-o-fascismo/)



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

BICENTENÁRIO

1822 2022



**DUZENTOS ANOS DE LUTA
PELA INDEPENDÊNCIA**



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

20
anos

Centro
**Sérgio
Buarque
de Holanda**
Documentação e
Memória Política
instituído em 2001